CASTILHO

THEATRO DE MOLIÈRE

TERCEIRA TENTATIVA

AS SABICHONAS

COMEDIA EM 5 ACTOS

VERSÃO LIBERRIMA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1872

NB. O juizo critico do ex.[mo] sr. conselheiro Mendes Leal ácerca d'esta comedia irá conjunctamente com o do *Misanthropo* no fim do 5.º e ultimo volume d'estas tentativas.

AS SABICHONAS

CASTILHO

THEATRO DE MOLIÈRE

TERCEIRA TENTATIVA

AS SABICHONAS

COMEDIA EM 5 ACTOS

VERSÃO LIBERRIMA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

1872

A

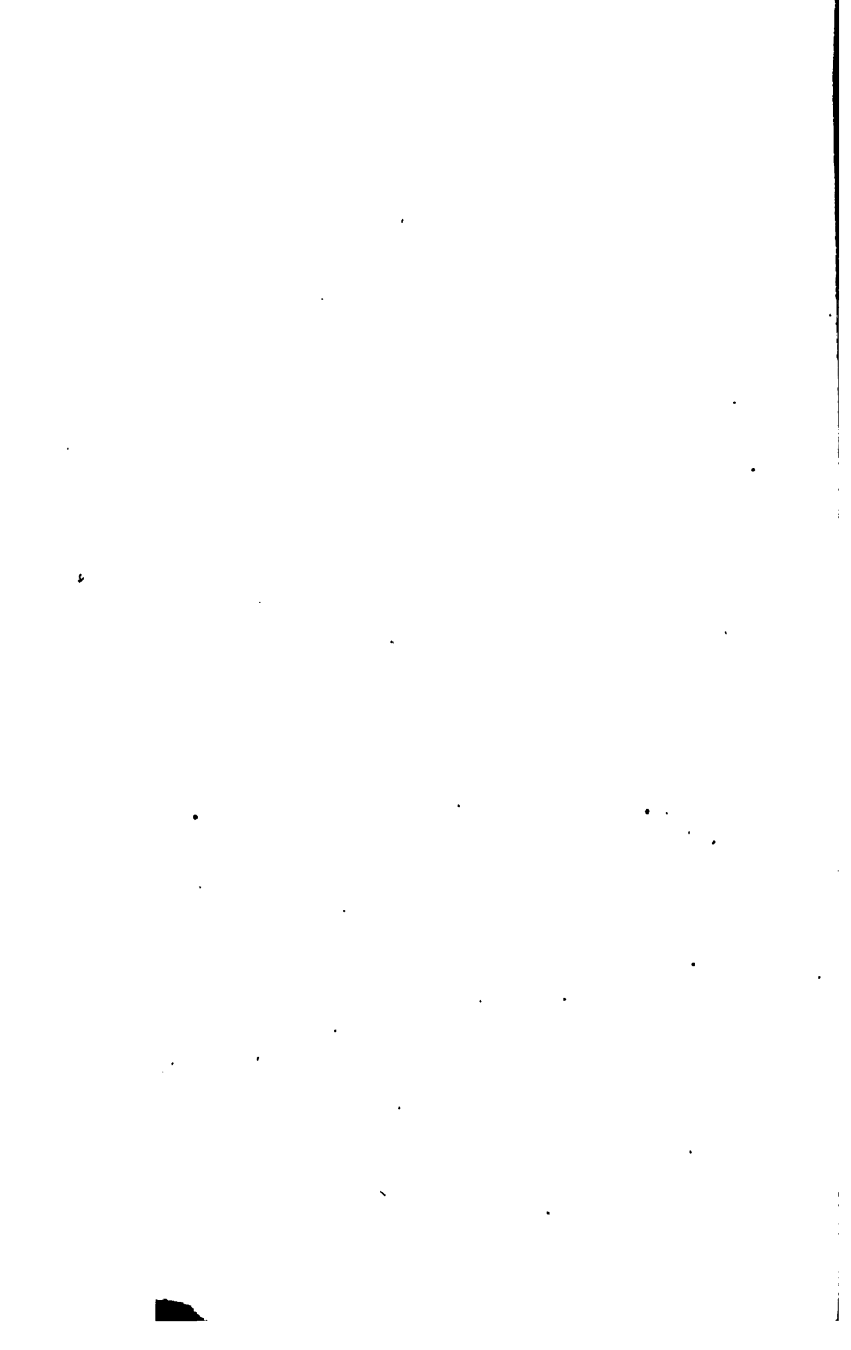
CAMILLO CASTELLO BRANCO

O VERDADEIRO CREADOR DO ROMANCE NACIONAL

E O MAIS OPULENTO DOS CLASSICOS PORTUGUEZES

Em penhor perpetuo de admiração, entranhado affecto
e animo agradecido

OFFERECE

Castilho

ADVERTENCIA

Para se não retardar mais esta publicação promettida e esperada ha tanto tempo, sae a presente comedia desacompanhada do respectivo juizo critico do sr. conselheiro José da Silva Mendes Leal.

Esta falta, causada de circumstancias imperiosas, será porém ressarcida no fim do 5.º e ultimo volume d'estas tentativas, *O Misanthropo*, que já se acha no prélo.

Adverte desde já o traductor *Des Femmes Savantes*, para obviar a alguns reparos descabidos e censuras escusadas, que a sua intenção n'este ligeiro passatempo não foi verdadeiramente a que o titulo *comedia* pareceria indicar. Que theatro nosso poderia encarregar-se hoje de uma peça que requer e não dispensa cinco actrizes todas de talento e forças não vulgares? Demais, estas mulheres de espirito hermaphrodito que Molière sacou do palacio Rambouillet para o tablado de Paris, não são, Deus louvado, familiares nem bem conhecidas das nossas platéas.

Logo, portanto, que se não escrevia para o theatro, entendeu-se que já se podiam dar mais folgadas insanchas ao dialogo, mettendo n'elle um poucochinho de considerações litterarias racionaes, não talvez inuteis para o nosso tempo. Se as conveniencias pechosas da arte scenica as regeitavam com razão, no livro e para o gabinete figuram-se ellas mais que aceitaveis.

Ao segundo acto se applica principal e quasi exclusivamente o que deixamos dito.

Comtudo, se alguem lá para o diante se lembrasse de pôr em scena *As Sabichonas,* nada mais facil do que supprimir na scena academica da livraria tudo que lhe parecesse importuno ou demasiado; trabalho facil, para o qual bastariam um rapido confronto do portuguez com o original francez e uma penna de lapis.

PESSOAS

GONÇALO ANDRÉ—Cavalheiro rico, pacifico e amigo da bonaxira. Seus 50 annos.

D. THEODORA—Irmã de Leonardo, mulher de Gonçalo e mãe de D. Laura e de D. Henriqueta. É senhora de porte, presumpção e genio imperioso. Trajada, quanto possivel, á moda romana.

D. ANDREZA—Irmã de Gonçalo. Velha simploria, presumida e arrebicada.

D. LAURA—Filha primogenita de Gonçalo e D. Theodora. Prognostica e afectada. Traja á feição grega e calça cothurno.

D. HENRIQUETA — Irmã mais nova da precedente. Elegante e singela no trajo. Candida e desafectada.

LEONARDO ABRANTES—Cavalheiro honrado e serio, irmão de D. Theodora e grande amigo da casa.

JORGE IGNACIO DA SILVEIRA—Mancebo probo e franco, aspirante á mão de D. Henriqueta.

MARTINHA—Cosinheira da casa. Camponia incultissima nos modos e dizer.

ISIDRO — Criado da mesma casa. Materialão.

PANCRACIO AUGUSTO BALDEVINO — Eruditão ridiculo, e poeta de má morte.

HONORATO HONORIO PAES DE SÁ — Segundo erudito, e poeta do mesmo jaez que o precedente.

JULIÃO — Criado d'este.

UM TABELLIÃO

A acção passa-se toda em casa de Gonçalo André e é contemporanea pouco mais ou menos.

ACTO I

Sala decentemente mobilada e ornada á moderna, janellas no fundo; á direita duas portas; a do segundo plano para a rua; á esquerda outras duas para o interior das casas.

SCENA I

D. LAURA e D. HENRIQUETA

D. Laura

Pois deseja casar!

D. Henriqueta

Desejo.

D. Laura

É crivel, mana!
«Oh! Jove!» exclamaria aqui uma romana!

D. Henriqueta

Em Roma pelo modo havia só vestaes!

D. Laura

E matronas tambem, que emfim entre os mortaes
ha de tudo; porém, a que o seu lustre zela,
só á força é que abdica os fóros de donzella.

D. Henriqueta

E eu abdico-os por gosto.

D. Laura

O grande Lucio Anneo
denominou grilhões os laços de hymeneo;
e Cicero, escrevendo a Attico, até disse:
mulher querer casar, é prova de doidice.

D. Henriqueta (sorrindo)

Pois disse boa coisa!

D. Laura

É preciso fallar
com mais veneração do illustre consular,
do salvador de Roma, e oraculo do fôro...

D. Henriqueta

Visto isso, cometti um grande desaforo
em rir do tal senhor?

D. Laura

Do tal senhor! *do tal!*
Perdoae-lhe a ignorancia, ó manes do immortal!
para vos applacar, agora tres semanas
prometto-vos ler só as vossas Tusculanas.

D. Henriqueta

Que lhe preste!

D. Laura

Oh se presta!

D. Henriqueta

Eu assim como assim
não nasci para sabia; a mana Laura sim.
Cada uma de nós que siga o seu destino:
o meu é de casar.

D. Laura

Que estranho desatino!
que humillimo pensar! que ignobil abjecção!
quousque tandem, mana! As musas quantas são?

D. Henriqueta

Diz que nove, eu sei lá!

D. Laura

Nove, precisamente;
e nem meia casou, se a Fabula não mente.
E as Graças? (bem que amor as trate por irmãs)
quem as pintou jámais consortes nem mamãs?!
Tudo que é gracioso, ethereo, divindade,
obriga-se a manter perpetua virgindade.

D. Henriqueta

Será melhor, será; eu gosto do peor.

D. Laura

Mas o ente racional aspira ao que é melhor.
Não sei que grande engodo atraia ao casamento!

D. Henriqueta

Nem eu; já vem de traz. Foi deixa em testamento,
feita, segundo entendo, a quasi todas nós
pela nossa mãe Eva. As nossas bisavós
casaram; nossas mães casaram; nós por tanto,
vamos tambem casando.

D. Laura

Até me infunde espanto
que possa haver mulher tão falta de ideal
que antolhe sem horror...

D. Henriqueta

Sou muito terreal...
que lhe quer? o casar agrada-me, não nego.

D. Laura

Agrada-lhe!

D. Henriqueta

E até muito.

D. Laura

Agrada-lhe?! T'arr'nego!

D. Henriqueta

Elle é tão natural! tão santo!

D. Laura

Justos ceos!

D. Henriqueta

Chego até a pasmar de ouvir taes escarceos!
Que vem a ser casar?: é termos adquirido
por socio e protector o ente mais querido;
darmos inteiro inteiro o nosso coração
a elle, e a cada filho; uma renunciação
do nosso egoismo todo em outrem... E os prazeres
de derramar ventura e de cumprir deveres!
Se o casamento é isto, ha de infundir-me horror
multiplicar o affecto e perpetuar o amor?

D. Laura

Sophismas! prosa vã! fallando sem figura,
eis o que n'um consorcio a experiencia augura:

Uma lida perenne, estupida e servil;
um marido, ou tyranno, ou servo abjecto e vil;
se extremoso — importuno e caustico; se vario —
dando-nos que soffrer por methodo contrario;
filhos a fazer bulha; um cahos; privação
das delicias do ocio e da meditação.

D. Henriqueta

Fazer do mundo um ermo é o seu projecto, julgo.

D. Laura

Não é tal; case embora o desgraçado vulgo:
não me opponho. Ás da plebe outorga plena dou,
já que d'arroubos d'alma o ceo as desherdou;
porém nós, a quem Deus mais altas glorias talha,
ir-nos sevandijar nos gosos da gentalha!...
que vergonha! Alce a mente ás altas regiões,
onde nos fazem côrte Homeros e Camões,
um Catão, um Lucena, uns genios appolineos,
como um Virgilio, um Phedro, um Seneca e dois Plinios.
Entre esses immortaes...

D. Henriqueta (á parte)

Que já morreram...

D. Laura

Tem
á farta onde empregar, como eu e nossa mãe,
a sua *vis amandi;* eleja, ou tire á sorte
um que mais a namore, e tome-o por consorte.

Que orgulho! Poderá dizer um dia então:
esta obra é filha minha e filha de Platão.
Platão, ou qualquer outro; o nome pouco importa.

D. Henriqueta

Não ha nada melhor: casar com gente morta!

D. Laura

A gloria é viva sempre; e a mente feminil
não lhe tem menor jus que a alma varonil.
Não vê a nossa mãe? não vê a nossa tia?
não me vê a mim propria? Accorde da apathia;
não desdiga da raça. A mãe já conquistou
reputação de sabia; eu conquistando-a estou;
a tia faz por ella, e inda que mais curtinha,
espero ha de alcançal-a. Então, Henriquetinha!
soffre-lhe o coração não pôr o nome seu
entre os das immortaes d'este immortal Lyceu?
Apage! que desdoiro!

D. Henriqueta

Escusa de esfalfar-se;
a mim não me convence. Expuz-lhe sem disfarce
quanto sou ignorante, e folgo até de o ser.
Não me fiz, fez-me Deus, não me hei de desfazer.
A mana, a tia, a mãe, serão de essencia etherea;
eu brutinha pertenço ao mundo da materia.
Casar com um homem vivo, agrada-me, que quer?
Não podendo ser sabia, aspiro a ser mulher.

Citou-me a nossa mãe; sem quebra no respeito,
digo-lhe que imital-a ambas temos a peito:
a mana, em sapiencia; eu cá em me casar.

D. Laura

Imite-se o que é bom, jamais o que é desar.
Diga-me cá: se a mãe tivesse a desventura
de claudicar de um pé como essa creatura
chamada a La Vallière, ou como o grão Tyrteu,
o vate que a Messenia os fumos abateu,
deveriamos nós quebrar uma canella,
e suppor muito airoso o coxear como ella?
Se Homero olhos não tinha, e tinha um só Camões,
hei de eu invejar-lhe isso, ou o genio das canções?
ergo se a mãe casou, se teve esse descuido,
sigamol-a no mais, e n'isso não.

D. Henriqueta

E eu cuido
que, se a posso imitar, é n'isso e em nada mais.

D. Laura

Sentir unicamente instinctos animaes!
Poder voar como aguia, e enchèr d'assombro os povos,
e preferir á gloria um ninho... palha e ovos!
Caem-me as faces no chão de ouvil-a!

D. Henriqueta

Mas, se a mãe
tivesse recusado o aninhar tambem,

a mana Laura e eu, não tinhamos nascido.
Então bem vê que se eu a casar me decido,
é porque assim talvez poderão vir á luz
dignos da tia Laura alguns sabios de truz.

D. Laura

Não tem cura, já vejo.

D. Henriqueta

E não.

D. Laura

Póde-se ao menos
saber quem é que Armida em seus jardins amenos
tenciona endeusar?

D. Henriqueta

Não percebi: quem é...
o que... não percebi.

D. Laura

Ser necessario até
deslavar-lhe em vulgar os tropos e as figuras!
Não leu Quintiliano, agora anda ás escuras.
Desejava saber o nome do feliz,
que a rebelde ao Parnaso optou por seu beliz.

D. Henriqueta

Quer dizer: o meu noivo?

D. Laura

Em prosa é isso. Creio...
que não será o Jorge?

D. Henriqueta

Acha que o Jorge é feio?

D. Laura

Nem bonito.

D. Henriqueta

Sem graça?

D. Laura

Assim assim.

D. Henriqueta

Não tem
meritos pessoaes? não é illustre? Bem.
Sendo tudo isto assim, não sei de que se forge
esse não crêr que seja o meu eleito Jorge!

D. Laura

Não é mister forjar: cuido que não ha jus
de usurpar o que é de outra.

D. Henriqueta

É claro como a luz.

D. Laura

E como a luz tambem a toda a gente é claro,
que em mim viu Jorge sempre o idolo mais caro.

D. Henriqueta

Mas ïdolo de bronze. O pobre adorador
conheceu que baldava o incenso, os ais, o ardor;
ou, por fallar mais chão: viu que não era a mana
quem jámais baixaria a ser com elle humana.
Filosofa sublime, e entregue ao Lucio Anneo,
poz toda a sua gloria em fugir do hymeneo;
e bem alto clamou que tinha por doidice
casar-se uma mulher, como o tal homem disse.
Portanto, ou, se prefere, *ergo*... (lá foi latim)
Jorge não lhe convém, mas convém Jorge a mim.

D. Laura

A razão, *mens divina*, a quem devemos culto,
impõe leis ao carnal, prohibe-lhe o tumulto;
mas não tolhe á mulher incensos acceitar,
quando um rendido amor lh'os queima em seu altar.
Soffre-se a adoração, sem se admittir o aggravo
de propor-nos um jugo o nosso proprio escravo.

D. Henriqueta

Eu nunca prohibi que a tantas perfeições
Jorge rendesse culto. Hoje as adorações
mudaram de deidade: o que Laura regeita
não lh'o usurpa Henriqueta: off'rece-se-lhe, aceita.

D. Laura

Num despeito d'amor o que é que se não faz?
Se a deserção de Jorge a ufana, a satisfaz
porque lh'o trouxe aos pés, talvez que noutro instante
dos seus de novo aos meus revôe esse inconstante.
Não é bom fiar tanto. Aonde o fogo ardeu
sempre um brazido fica. O dito não é meu,
é da rainha Dido.

D. Henriqueta

Ora essa! eu não duvido;
basta a mana dizel-o, escusa citar Dido.
De futuros não sei; sei que me protestou
fidelidade eterna, e que tranquila estou.

D. Laura

Se á falta do saber que vem da experiencia,
a mana lesse mais, teria mais sciencia;
não seria tão crente em juras de quem fez
eguaes votos a outra.

D. Henriqueta

Enganar-me-ha talvez
se não se engana a si. Mas lá vem elle. Estamos
a tempo de o saber por elle proprio.

SCENA II

As mesmas e JORGE (entrando da primeira porta da direita)

D. Henriqueta (para Jorge)

Vamos;
falle-nos serio, Jorge; a honra lh'o requer:
Qual é a d'entre nós a quem realmente quer?
(se acaso quer a alguma). Esta senhora afirma
que homens n'isto de amar são todos fraca firma;
que eu sou muito crendeira, e a minha esp'rança vã.
Quem vive na illusão? sou eu? ou minha irmã?
declare-o com franqueza aqui perante as duas.

D. Laura

Mana Henriqueta! eu pasmo! até não julgo suas
taes interrogações! quer por-nos em leilão,
como as servas em Roma?
(para Jorge em tom cortez e amigavel)
Apenas um villão
ousaria dizer a uma senhora em face,

e na presença d'outra, inda que o abafasse
o mais cego furor...

Jorge (atalhando-a)

Não sou villão, socegue,
senhora Dona Laura; e raiva que me cegue,
tambem não ha cá dentro. Assim, com placidez,
e como homem sem nodoa em pontos de honradez,
formalmente o declaro: amor, votos, esp'rança,
pendem para este lado
(apontando para D. Henriqueta)
a concha da balança.
Oiça-me, e não se enfade (em breve findo). O amor,
logo que a vi, rendeu-me. Ardi, e ousei-lh'o expor
co'as supplicas do olhar, co'a assiduidade terna
em buscal-a, em seguil-a. Era uma chamma interna
a brilhar para fóra, assim como se vê
d'um sanctuario a luz muda a clamar-nos: crê.
A que havia de crer, não creu; ou creu, e altiva
folgou de ver no fogo a victima captiva
estorcer-se, estalar, pedir-lhe auxilio em vão;
crescia a dôr, crescia a par a ingratidão.
Fiz um supremo esforço: arranco-me ao suplicio,
asilo imploro, encontro o asilo mais propicio:
um anjo bom me acolhe; e ao que outra escarneceu,
o puro amor acceita, e dá-lhe em troca o seu.
D'ella sou, juro ser eternamente d'ella.
Ali ha coração, que a torna inda mais bella.
O mais feliz porvir, já na sua alma o li;
ninguem póde já agora arrancar-me d'ali.

D. Laura (ironica)

E quem o tentaria? Admiro-lhe a vaidade
de o suppor; e em dizer-m'o a extrema urbanidade!

D. Henriqueta

Mana Laura! irritar-se! esquecer-se da tal
mens divina, cuido eu, que doma o que é brutal,
e ás filosofas veda ataques de impaciencia!

D. Laura

Pois não! quem me podia aconselhar prudencia
a não ser a senhora, a filha singular,
que ousa dispor de si dentro do patrio lar,
sem ouvir pae nem mãe! Cuida que a sua escolha
basta, sem que primeiro a mãe e o pae a acolha?

D. Henriqueta

Agradeço a lição, e aceito-a; para ver
que me aproveito d'ella, e cumpro o meu dever,
rogo a Jorge que vá, já já, n'este momento,
pedir a nossos paes o seu consentimento.

Jorge

Obrigado, Henriqueta; espero voltarei
já para sempre teu e mais feliz que um rei.

D. Laura (para Henriqueta e em tom do mais profundo desdem)

Vá, suba ao Capitolio, uma victoria obteve,
que nem Pentesiléa egual jámais a teve!
leva um bello captivo! o que não ha porém
é razão para crer que excite inveja a alguem;
a mim por certo não.

D. Henriqueta

Bem sei, na alma da mana
só a razão domina. Esta miseria humana,
que se chama casar, anoja-a, faz-lhe dó,
faz-lhe horror e terror; deleita-a viver só
co'os sabios, co'a sciencia, e co'a filosofia;
á gloria de ser mãe... prefere a de ser tia.
Invejar-me! ora essa! acaso em tal pensei!
invejar-me, porque? tanto acredito e sei
que me não sente inveja...

D. Laura (á parte)

Eu ter-lhe inveja, oh! numes!

D. Henriqueta

e que a *divina mens* a livra dos ciumes,
que até lhe peço, mana, ajude com fervor
as instancias de Jorge, e empregue em meu favor
perante os nossos paes toda a sua eloquencia,
caso n'elles se encontre alguma renitencia.

D. Laura

Tambem aquillo zomba! Está fóra de si
por ter aproveitado o que eu escarneci!

D. Henriqueta

Bom, ella é que o deixou; mas sempre me parece
que se elle hoje... talvez que o não escarnecesse.

D. Laura

Á loucas não respondo.

D. Henriqueta

E faz como quem é.
Moderada até 'li!...

D. Laura (olhando alternativamente para Jorge
e Henriqueta com ar de summo desprezo)

Lé com lé, cré com cré.
São dignos um do outro. Enxarquem-se á vontade
na prosa da materia e da vulgaridade!
(Sae arrebatadamente pela esquerda).

SCENA III

D. HENRIQUETA e JORGE

D. Henriqueta

Ella é que nem sonhava um desengano assim!

Jorge

Que outra coisa podia achar já agora em mim?
orgulhosa! estou pago. E não me peza o feito.
Seus desejos e os meus vão ter um prompto effeito,
adorada Henriqueta; e sem mais dilação
vou levar a seus paes a nossa petição.

D. Henriqueta

A minha mãe primeiro; apenas a convença,
meu pae annue; meu pae é da melhor avença;
nunca se lhe ouve um não. Quando recusa, ou quer,
é porque recusou, ou quiz, sua mulher;
é a propria bondade. A senhora absoluta,
contra cuja vontade elle jámais reluta,
n'esta casa, é só ella. O que me dá pezar
é ver que o meu bom Jorge entenda ser dezar
fingir-se um pouco mais com minha mãe e tia;
que não saiba esconder a sua antipathia
co'as futeis illusões que as enchem de prazer.
Quem pretende alcançar precisa comprazer.

Jorge

Bem ou mal, sou assim: nasci sincero; o estilo
que improvo aos cortesãos não quero em mim sentil-o,
pois me deshonraria aos meus olhos, e aos seus,
Henriqueta; e bastava o eu córar aos meus.
Bem sabe, á nossa Laura o que eu a amava d'antes;
mas nunca lhe louvei as praticas pedantes.
¡Se me repugna ouvir sentenças e latins
em voz meiga só propria a rendas e setins!
Contar com mimo em tudo, e vermos de repente
d'entre um labios de rosa alçar-se uma serpente:
um apophtegma, um texto, um caso com bolor!
é regelar o estio, é destruir a flor.
Querer dos sexos dois ser hibrido complexo,
é ficar de uma vez sem um nem outro sexo.
Quer-se a mulher, mulher; quer-se o varão, varão.
Ás leis da Providencia em balde se opporão
quantas doutoras haja; hão de alcançar apenas,
Icaras para rir, perder no ar as pennas.
E que eu lh'o approve? oh! nunca! Admitto que a mulher
se instrua para si; que ajunte, se poder,
thesoiros de saber. São preciosidades,
que lhe podem servir em todas as edades,
e em qualquer situação: nos annos juvenis,
tornando-a mais sensata; esposa, mais feliz;
quando mãe, boa mestra; e ao cabo dos amores,
velha, pondo-lhe ainda ao pé da campa flores.
A sabia assim, adoro-a. A's doidas que se impõem
sobre andas de saber, enchem a voz, suppõem

a todos aturdir com frases impostoras,
fujo-as; um senso bom val mais que mil doutoras.
Respeito a sua mãe, respeito-a muito; só
lhe não posso applaudir o que me causa dó.
Mal haja esse Pancracio, esse erudito fôfo,
que as veio enfeitiçar com o seu saber balôfo!
um pedantão chapado; um sabio d'entremez,
que dá todo ancho á luz um tomo ou dois por mez,
embutidos á força, e logo, antes de lidos,
aos tendeiros do bairro a peso revendidos;
bom acerto inda assim para o sarrafaçal:
que alguns dos seus papeis virão a conter sal.

D. Henriqueta

É verdade; eu tambem quando oiço as eloquencias
com que elle ás vezes vem, dão-me umas somnolencias
que chego a cabecear; e elle a suppor que estou
extatica a annuir! As obras que editou
não li eu, nem lerei, nem as entenderia;
mas o voto de Jorge enche-me de ufania,
vendo que em mim o instincto, e n'elle a illustração,
se encontram até n'isto em plena afinação.
Mas como aqui Pancracio exerce alta influencia,
forceje-se em mostrar-lhe alguma complacencia.
Que remedio! quem ama obriga-se a afagar
até o cão da casa.

Jorge

O cão tem seu logar;
mas um cachorro assim!... Que homem de bem se atreve
a louvar, a soffrer, o que um sendeiro escreve!

Eu já o tinha lido; e posso até dizer
que já o conhecia antes de o conhecer.
N'aquella multidão de informes cartapacios,
descobria-se em cheio a nata dos Pancracios:
um parvo presumpçoso; um sacristão que a si
queima elle proprio o incenso, entre a fumaça ri,
e suppondo-se um deus, reputa ninharias
perante o que elle faz, a obra dos seis dias.

D. Henriqueta

Tudo isso adivinhou?

Jorge

Até lhe adivinhei
o ar, a figura, a voz, e em nada me enganei.

D. Henriqueta

É possivel?

Jorge

É certo. A versaria exotica,
torcida, alambicada, insipida, narcotica,
de que nos golfa á cara enxurros taes sem fim,
podiam lá sair senão d'um vulto assim!
Quer a prova, Henriqueta? uma vez, em Palacio,
vi-o, e logo exclamei: por força este é Pancracio;
e nunca o tinha visto...

D. Henriqueta (rindo)

É bruxo!

Jorge

Eu não, mas dois
assim, nunca Deus fez; nem antes nem depois...
Calluda; lá vem ella...

D. Henriqueta

A mãe?

Jorge

A tia Andreza...

D. Henriqueta (em voz baixa e rapidamente para Jorge)

Deixo-os; falle-lhe Jorge, e empregue mais destreza.

(Sae apressadamente pela esquerda).

SCENA IV

JORGE e D. ANDREZA (que vem da esquerda)

D. Andreza (entra de grammatica latina na mão como quem anda a decorar passeando, com os olhos no tecto e sem reparar em quem está)

Nominativo *res*, accusativo *rei;*
nada: o dativo é *rem*... *res rem*; de novo errei!
oh quem me dera já chegada ao *amo amas!*
isso é que é lindo verbo e proprio para damas...

Jorge (interrompendo-a e sobresaltando-a)

Aproveito senhora a occasião fugaz
para expor-lhe um amor...

D. Andreza (a Jorge que lhe ouve pasmado toda a falla)

Menos gaz! menos gaz!
Amar ou não amar bem sei que não depende
do alvedrio da gente; o amar-me não me offende;
mas não tolero ouvir certas declarações.
Digam olhos embora o que ha nos corações,
porém jámais a falla. Os meus adoradores
nunca ousaram 'té'qui pintar-me eguaes ardores.
Se o captivei, se exerço o electrico poder
do tal peixe torpedo (embora sem querer)
Andreza não prohibe a Jorge que elle a adore;
deixe Jorge que Andreza eternamente o ignore;
senão, para punir-lhe o arrojo sem pudor,
bano, destérro, exilo o audaz adorador.

Jorge

Oh! socegue: é mui outro o fogo em que me abrazo:
peço a mão de Henriqueta; e para obtel-a emprazo
todo o influxo da tia, antes que á mãe e ao pae
me aventure a pedir...

D. Andreza

Poupae, moço, poupae,
esse inutil disfarce; é veo mui transparente...

Jorge

Senhora Dona Andrezá!...

D. Andreza

Entendo optimamente.

Jorge

Juro...

D. Andreza

Bem sei, bem sei; (á parte) Coitado! por um til...
perdia-se... (alto) Mancebo, animo! é tão sutil
a desculpa que armou, que eu, outra egual a ella,
não me lembro ter visto em drama nem novella;
e portanto, em razão do engenho que ostentou,
perdôo-lhe a ousadia, e já serena estou;
mas não me torne...

Jorge

A que?

D. Andreza

A que?!

Jorge

Pois se lhe juro,
e rejuro, e trejuro, e tenha-o por seguro,

que nunca, nunca, a amei! que n'este coração
só Henriqueta impera! A unica ambição
que nutro, é possuil-a; á tia só imploro
que me ajude a alcançar aquella a quem adoro.

D. Andreza

Bem percebo; não sou tão pouco perspicaz
que n'essa alegoria, embora mui sagaz,
não veja claramente o senso da parabola;
sei Genuense: pesco a historia d'entre a fabula;
mas vamos co'a figura, uma vez que assim quer;
respondo que Henriqueta odeia o ser mulher;
(indicando por gestos que está fallando de si mesma)
quer masculinisar-se; e ha de, a poder de estudo,
virgem, solteira, e sabia, alar-se além de tudo.
Ella, ella, aturar creanças e um senhor!
achou-a! o deus Apollo é quem lhe absorve o amor!
Ella, a tal Henriqueta, aspira no Parnaso
a ter um dia estatua ao pé de Ovidio Naso,
Bento Pereira, Homero, e outros de egual jaez.

Jorge

Mas que illusão, senhora!

D. Andreza

É mais que impavidez
insistir...

Jorge

Grande Deus!

D. Andreza

Suppõe que eu já não tinha
adivinhado ha muito o ardor que em si continha?
Bastava o seu olhar; esteve vae não vae
para cair-me aos pés cem vezes...

Jorge

Eu?

D. Andreza

Se um ai
me tivesse escapado em troco aos seus olhares,
esse grande paiol voava pelos ares!
Já vê que tudo sei; perdôo-lh'o porém
em favor da ficção com que buscou tão bem
pôr um manto na injuria; absolvo-o; mas comtanto
que nunca mais recorra a semelhante manto.
Beije esta mão, se quer, e póde-se ir em paz.

Jorge (á parte)

Inda mais esta! A velha é o proprio satanaz!
(beija-lhe a mão com visivel repugnancia. Alto):
Mas oiça, por quem é, senhora Dona Andreza!

D. Andreza

Basta; emende-se; adeus; admire-me a nobreza.

Jorge

Adeus, adeus.

D. Andreza (desviando-se de Jorge e abrindo novamente a sua grammatica)

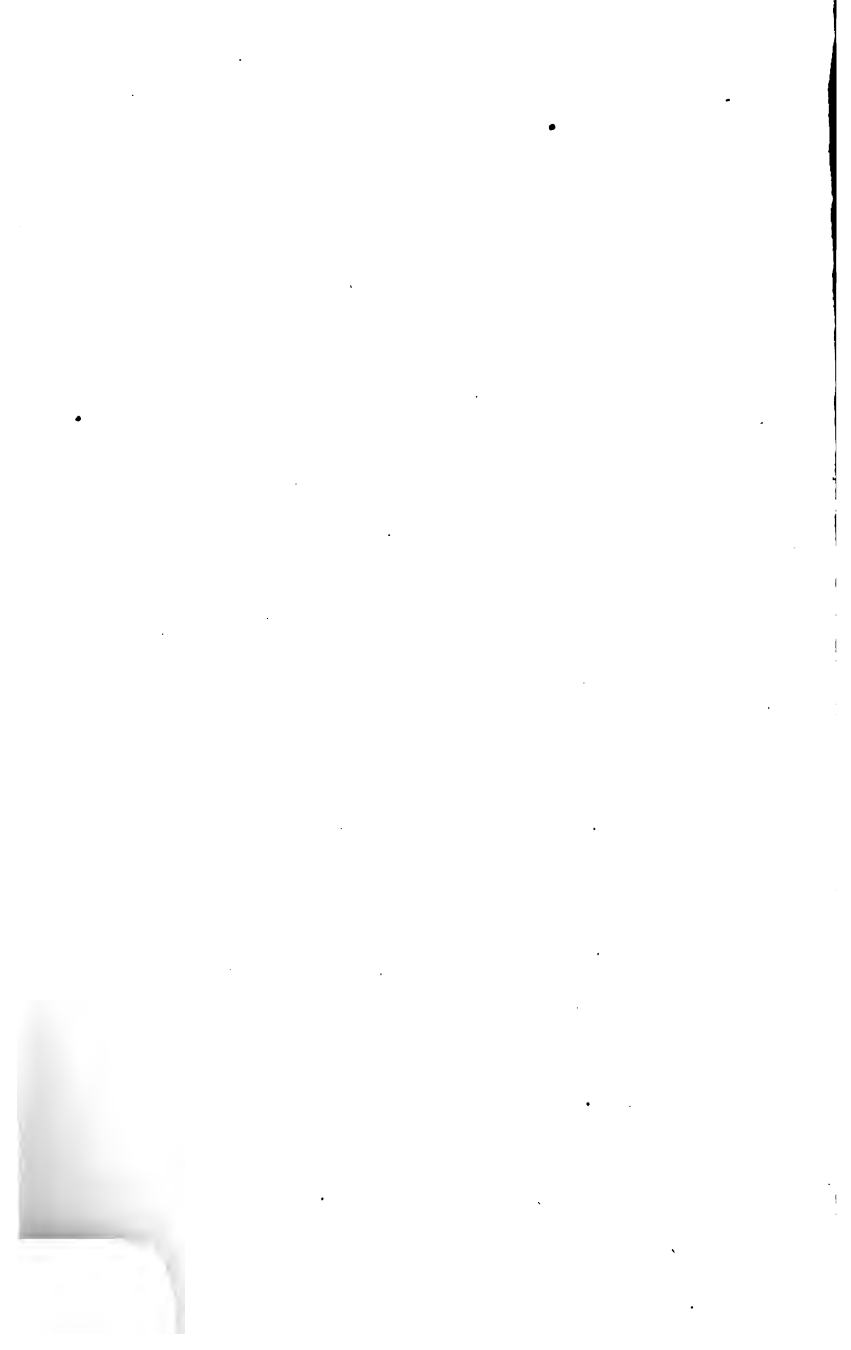
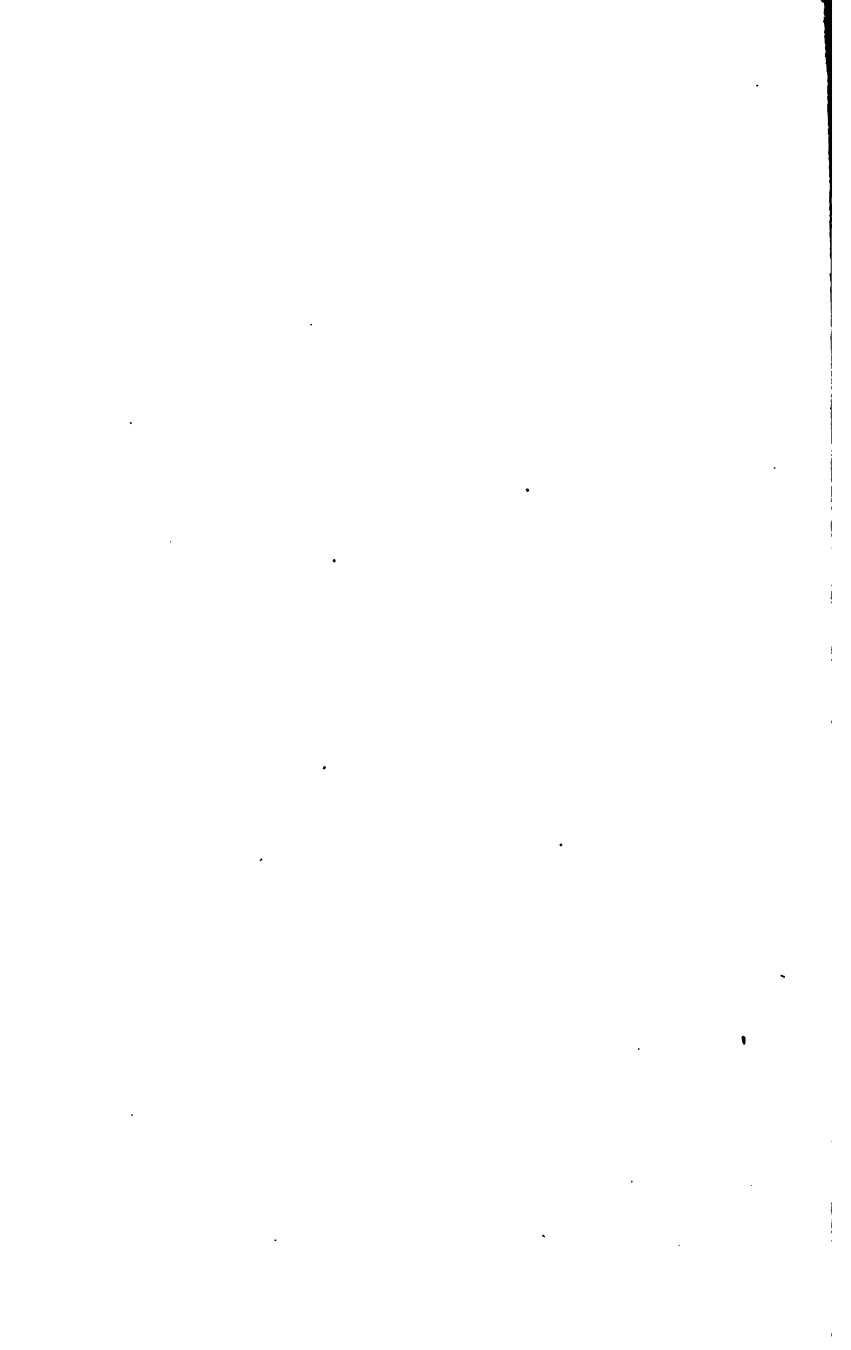
Talvez agora atinarei:
nominativo *res* accusativo *rei*.

Jorge

É claro: insandeceu; convém que emfim me aparte.
a ver se desencanto auxilio n'outra parte.
(Sae pela esquerda)

D. Andreza (sempre absorvida no seu estudo),

Foi-se; graças! agora estamos como um dez:
nominativo *rei* accusativo *res*.

FIM DO ACTO I.

ACTO II

A mesma sala do primeiro acto

SCENA I

JORGE e LEONARDO

Leonardo (indo para se afastar de Jorge e fallando-lhe outra vez)

Breve terá resposta, e conte com o meu zelo;
tudo se ha de tentar para satisfazel-o,
meu rico senhor Jorge. A larga experiencia
me ensinou, ha já muito, o que ha de impaciencia
e raivinhas de amor n'um coração á espera,
entre um *sim* que enfeitiça, e um *não* que desespera.
Vá-se! Vel-o lá vem.

(Sae Jorge pela direita)

SCENA II

GONÇALO (que vem da esquerda) e **LEONARDO**

Leonardo

Bons dias, meu cunhado.

Gonçalo

Bons dias, caro mano.

Leonardo

Apostarei dobrado
contra singèlo, em como o nosso bom Gonçalo
nem sonha a que hoje venho.

Gonçalo

Eu não, mas falle.

Leonardo

Fallo?
Conhece o Jorge ha muito.

Gonçalo

O Jorge! e bem de perto!
nosso amigo a valer, e em nossa casa certo;
se o conheço!

Leonardo

Mui bem. Que idéa d'elle faz?

Gonçalo

Que é serio, honrado, esperto, um optimo rapaz,
e entre os rapazes d'hoje uma excepção da regra.

Leonardo

Inteiramente! e a mim toda a alma se me alegra
de ouvir-lhe esse fallar...

Gonçalo

Pois isto é novidade?
ouviu dizer mal d'elle?

Leonardo

Ai, nunca. Eis a verdade:
venho pedir por elle.

Gonçalo

O pae (bom cavalheiro!)
conheci-o eu em Roma...

Leonardo

Optimo!

Gonçalo

Verdadeiro,
serviçal, delicado, e o mais leal amigo...

Leonardo

Como o filho.

Gonçalo

Tal qual! Não sou eu só que o digo;
são todos. Já lá está na terra da verdade!
Tinhamos nós então ambos a mesma edade!
bom tempo! bom de lei!

Leonardo

Por certo!

Gonçalo

Inda não tinha
nenhum de nós trintado! Isso é que foi vidinha!

Leonardo

Faço idéa; porém...

Gonçalo

Qual faz, nem meio faz!
Que par de maganões! nenhum ficava atraz!
Ai! Roma da minh'alma!

Leonardo

Entendo.

Gonçalo

Quem me dera
outra vez lá, tornado á minha primavera,
e o passado, passado. Isto hoje é uma tristeza!
Aquelles carnavaes! e as ceias da Princeza!
et cætra, et cætra, et cætra. Era uma roda viva
em que se andava sempre. Em Roma: *aria cattiva*
aria cattiva, é isto!

Leonardo

É; mas, se dá licença,
entremos em materia.

Gonçalo

Entremos, sim; mas pensa
que haja por cá belleza! Ao pé das transtibrinas
tudo é feio, uma só, val mais que dez varinas.

Leonardo

Bom; mas vamos ao ponto.

Gonçalo

E a cosinha romana!
faz lá idéa! aqui, basta qualquer chanfana,
lá, não senhor. Quer-se arte, e que arte! Agora diga:
que manda?

SCENA III

Os mesmos e D. ANDREZA (que entra da esquerda devagar, e se põe á escuta, sem darem por ella)

Leonardo

O nosso Jorge incumbe-me...

Gonçalo

Prosiga!
que diacho de empate!

Leonardo

Incumbe-me de expor
a sua petição...

Gonçalo

Que petição?...

Leonardo

De amor,
de casamento...

Gonçalo

A mim!

Leonardo

E a quem podia ser
senão ao pae da bella?

Gonçalo

Enche-me de prazer!
traz-me a ventura a casa! E a bella, qual é ella?

Leonardo

Henriqueta! Henriqueta é para elle a bella,
a de mais discrição, de graças mais divinas,
e que val, só por si, trezentas transtibrinas!...

Gonçalo (rindo)

Lá me parece muito; emfim, como lhe agrada...

Leonardo

Póde dizer até que é d'elle idolatrada.

D. Andreza

Com licença; ouvi tudo. Estão n'um puro engano!

Gonçalo

Que engano! que diz, mana?

D. Andreza

Afirmo-lhe isto, mano!
O Jorge é muito fino! encobre bem o jogo!

Leonardo

Então elle não ama?...

D. Andreza

Ama. Todo elle é fogo.
Anda mesmo perdido. Ha só a differença
de ser a idolatrada outra do que se pensa.

Leonardo

Tem graça! logo, é Laura!

D. Andreza (á parte e rindo)

Achou-a! (alto) Frio, frio!...

Leonardo

Senhora! se lhe digo; ouvi-lh'o a elle; ouvi-o:
morre por Henriqueta!

D. Andreza

O Jorge é adjectivo
que tem na concordancia occulto o substantivo.

Leonardo

Se até me encarregou de pedir Henriqueta!

D. Andreza

Que velhaquito! e achou quem lhe engulisse a peta!

Leonardo

Até me instou...

D. Andreza

Vá lá; que instou?

Leonardo

Que accelerasse
o mais que ser podesse o venturoso enlace...

D. Andreza

Havia de custar em todo o orbe achar-se
adorador tão fino e de maior disfarce.
Pois saiba, meu irmão, que Henriqueta, coitada,
é Pilatos no credo e nem suspeita nada;
nem elle lhe quer bem, nem tal lhe lembra. Ás vezes
co'o ramo n'outra parte enganam-se os freguezes.
Eu cá, eu é que sei a coisa de raiz.

Gonçalo

E porque a não declara?

D. Andreza

Eu?

Leonardo

Sim, porque a não diz?

Gonçalo

Quem é a venturosa?

Leonardo

A maga que o venceu?

Gonçalo

A Phenix?

D. Andreza

Digo?

Gonçalo

Sim.

Leonardo

Sem duvida!

D. Andreza

Sou eu.

Gonçalo

A mana!

Leonardo

A mana!

D. Andreza

A mana. Eu propria: a mana Andreza.

Gonçalo

Essa agora!

D. Andreza

Não vejo a causa da estranhesa!
Sou alguma cascata?

Gonçalo

Ora! ora!

D. Andreza

Supponho
que para nada presto!

Leonardo

Ora! ora!

D. Andreza

E que é sonho
o haver mais de um...

Gonçalo

Menina!

D. Andreza

Isso era lá possivel!
uma fructa do chão! uma ignorante incrivel!
uma parvoa! uma lesma!

Gonçalo

E quem a chama lesma?

D. Andreza

Quem? todos: a *Gazeta*, o espelho, e até eu mesma!
O Gabriel Timoteo, o Pedro Julião,
o morgado de Fafe, o Henrique d'Almeirão
nenhum ardeu por mim!...

Gonçalo

Arderam pela mana?

D. Andreza

Parece-me que sim.

Gonçalo

Disseram-lh'o?

D. Andreza

Que insana,
que estupida pergunta! Elles a mim ousal-o!
a mim! a Dona Andreza! a mim! a mim, Gonçalo?

o mano está zombando! os olhos é que ousaram,
e inda assim, muito a medo.

Gonçalo

Então só se declaram
co'os olhos?

D. Andreza

E é demais. Infundo-lhes respeito.

Gonçalo

Mas Pedro Julião, segundo eu cá suspeito.
ama a Beatriz.

D. Andreza

Comedia!

Gonçalo

O morgado, esse então,
nem quasi aqui põe pé!

D. Andreza

Tem medo!

Leonardo (á parte)

Do dragão!

Gonçalo

Gabriel, por toda a parte a criva de epigrammas;
chama-lhe a delambida, a tartaruga...

D. Andreza

As damas
que sabem resistir a doidos ciumentos,
são tudo quanto ha mau. Que lindos cognomentos
com que suppõem vingar-se!

Gonçalo

E o Almeirão, o Henrique,
casou-se!

D. Andreza

Desprezei-o, e fel-o por despique!

Gonçalo

Chimeras e illusões!

Leonardo

Visiveis illusões!

D. Andreza

Merci, manos, *merci*, por tantas attenções.
Illusões sou eu toda; eu toda sou chimeras.
Não sabias talvez, misera Andreza, o que eras?
Fica-o sabendo agora: ouviste os doutorões:
és toda, e nada mais, chimeras e illusões.

(Sae pela esquerda).

SCENA IV

Os mesmos menos D. ANDREZA

Gonçalo

Coitadinha! está doida!

Leonardo

E cada dia empeora!
Mas vamos ao negocio. Ouviu, decida agora.
Que hei de dizer a Jorge?

Gonçalo

Ha de o certificar
de que prezo infinito a honra singular
que um tal genro me traz; e até porque antevejo
a dita de Henriqueta, approvo o seu desejo.

Leonardo

Jorge não é, bem sabe, um homem opulento.

Gonçalo

A opulencia, que importa, onde ha merecimento?
O bastante hão de o ter.

Leonardo

Vamos sem mais tardança
fallar co'a mãe da noiva, oxalá...

Gonçalo

Tenha esp'rança.
Tudo se ha de arranjar. Tem a minha annuencia;
que mais quer?

Leonardo

Não se encontre alguma resistencia...
Vamos sempre fallar-lhe...

Gonçalo

Acha que em eu dispondo,
póde ella resistir? Por ella eu lhe respondo.
Sou *varão;* nunca fui *varella*, nem *varunca!*

Leonardo

Não digo menos d'isso; e nem o penso; oh! nunca!
mas sempre será bom ter attenção com ella.
Um *varão,* se convém, tambem se faz *varella.*

Gonçalo

Póde estar descançado. E vou já n'este instante
pôr o negocio em via.

Leonardo

E eu ver a supplicante,
e conversar no caso.

Gonçalo

A minha companheira
ha de assignar de cruz, quer queira, quer não queira.
Eu cá vou.

(Sae Leonardo pela esquerda)

SCENA V

GONÇALO e MARTINHA (que vem da esquerda)

Martinha

Que desgracia! al de menos na aldeia
falla-se que se entende. Ê cá na terra alhêia
ando atóleca. O dianho assoverta a cedade,
mail a quem inventou isto da gravedade.
É sempre um palavriado assim de invencionice...
que nem a gente sabe ás vezes o que disse.
Nan posso! E diz antão: servir servir! se fico
mais um anno a servir gente fina, entesico!

Gonçalo

Que tens Martinha? que é?

Martinha

O que é? é que a patroa
nan se póde aturar! nan lhe tiro o ser boa,
mais não ha quem na sofra!

Gonçalo

Explica-te, mulher.
Que foi que ella te fez?

Martinha

Que me fez? diz que quer
pôr-me fóra hoje mesmo, e que ha muntas criadas,
e que o que eu mais preciso é duas bofetadas...
nemja eu que lh'as leve!

Gonçalo

Ora! deixa-te d'isso;
descança. O teu serviço é muito bom serviço;
não és má rapariga, e fazes a cosinha
muito ao meu paladar.

Martinha

Pois sim...

Gonçalo

Bem vês, Martinha,
que a senhora, coitada, ás vezes n'um repente
lá póde...

Martinha

Forte cruz!

Gonçalo

Cruz tem-n'a toda a gente;
tem paciencia, eu cá estou.

SCENA VI

Os mesmos, D. THEODORA e D. ANDREZA
(que vem da esquerda)

D. Theodora (vendo Martinha)

Inda aqui, lindo amor!
Inda te vejo cá! Rua; e se torna a pôr
esses pés n'esta casa...

Gonçalo

Ora vamos; prudencia!

D. Theodora

Já disse: rua! rua! e já; senão...

Gonçalo

Paciencia
por dois minutos mais; explica-me a razão:
que foi o que ella fez?

D. Theodora

Tu defendel-a!

Gonçalo

Eu não;
só pergunto o seu crime.

D. Theodora

És o patrono della
contra tua mulher?!

Martinha (á parte)

Jazus! que raladella!

Gonçalo

Quem pensa em tal?

D. Theodora

Vá, vá, desculpe-a.

Martinha (á parte)

Olha que freima!
pilhasse-te eu na aldêia, eu te curava a teima!

D. Theodora

Eu sou doida, não sou? Ponho a alimária fóra
sem razão nem justiça?

Gonçalo

Attende-me, Theodora.

D. Theodora

Não quero; ha de sair e já já; não me cegues,
homem! vens-lhe acudir? olha que o não consegues!

Gonçalo

Bem se sabe! quem falla aqui de lhe acudir?
mas reflecte...

D. Theodora

E eu não quero agora reflectir!
Não quero; vês? e admiro a audacia d'um marido
que se mete a embargar um pleito que eu decido.

Gonçalo

Eu!

D. Theodora

Seu dever seria, ao ver-me exasperada,
raivar logo tambem sem perguntar mais nada.

Gonçalo

Certo; e é isso o que eu faço:
(voltando-se para Martinha)
A dona d'esta casa

é tua ama, vês tu? estou como uma braza?
cachorra! sem vergonha! a culpa é toda tua!
Tem toda a razão, toda em te pôr já na rua.

Martinha

Mais que fiz eu?

Gonçalo (á parte)

Sei cá!

D. Theodora

Verão que inda se obstina!

Gonçalo

Quebrou-te, querem ver, algum jarrão da China!

D. Theodora

Que lembrança! Por isso havia de a pôr fóra!

Gonçalo

Então que foi, Martinha? Então que foi, Theodora?
Fallem. Contou-se a prata e falta algum talher?

D. Theodora

Grande coisa!

Gonçalo (para Martinha)

Ah! peor! então que foi, mulher?

Que demonio fizeste? Aposto, oh! desaforo!
que está comprehendida em coisa do namoro!
Adivinhei?

D. Theodora

Peor.

Gonçalo

Peor!!!

D. Theodora

Peor. Ha mezes
que lhe ando a martelar os verbos portuguezes,
e a escolha das dicções, e o fallar culto e inculto
para poupar o ouvido ao continuado insulto
de tanto solecismo, indigno da cidade,
vergonhoso, e que cheira a patavinidade,
e ella, em vez de ir comnosco absorvendo atticismo,
refina cada dia o baixo e o solecismo.
Já não posso; isto a nós até nos fica mal.
Que dirão os de fóra ouvindo este animal?
Digo-lhe a todo o instante: o verbo substantivo,
primeira do plural, presente indicativo...

D. Andreza

É *samos*...

D. Theodora

Samos, não; a mana está confusa;
Samos era uma ilha...

D. Andreza

Era, bem sei, escusa
de me ensinar o que era. O verbo é *semos*...

D. Theodora

Semos!
Somos.

D. Andreza

Somos, pois sim! Nós todas o sabemos.

D. Theodora

Não vês isto, Gonçalo? E ainda não te inflammas!
o *semos* da criada até se pega ás amas.

Gonçalo

Então é só por isso?...

D. Theodora

Ah! homem de alma apatica!
achas que é bagatella o estrago da grammatica?
A grammatica é tudo: é ella o fundamento
unico da sciencia, e do discernimento;
suprema auctoridade. Ella até rege os reis!
e ha de vir uma onagra escoicinhar-lhe as leis!!

Gonçalo

Pois senhora, assustou-me! estava imaginando...

D. Theodora

Acha pouco talvez!

Gonçalo

Não acho! estou bramando!

D. Theodora

Desculpe-a.

Gonçalo

Deus me livre! é crime irremissivel!

D. Andreza

Anti-grammatical até incorrigivel!
Sempre uma algaravia! uma rudez serrana!
um *fenonimo* atroz...

D. Theodora (puxando-lhe o vestido)

Um *fenomeno*, mana!

D. Andreza (á parte para D. Theodora)

Bem sei; atrapalhei-me. Influxos d'ella em nós;
merci da correcção (alto) Um *fenonimo* atroz!

Martinha

Quitam de se matar; ê fallo como calha;
fallo como ós christões. Cá nas da minha ugalha,
nem a maço rodêro imbutem na caxola
essa lingua ingrimança a modo de paxola!

D. Theodora

Ai!

D. Andreza

Ceos!

D. Theodora

Que alma perdida!

D. Andreza

E que rusticidade!

D. Theodora (para Gonçalo)

Vê? *caxola* e *paxola!*

D. Andreza

E *ugalha!*

Gonçalo

Por piedade,
senhoras!...

D. Andreza

Se se póde ouvir esta Martinha,
sem logo se ficar com pelle de galinha!

D. Theodora

Parece que por gosto esfola os diccionarios!

Martinha (a rir)

Bonito! agora até esfolo *messionarios!*

D. Theodora

Messionarios! E então! não posso já sofrel-a!
Que de vezes não tem ouvido esta camela
que se diz *diccionario,* e o que é um diccionario,
e d'onde o termo vem...

Martinha

Que venha do Calvario,
de Bemfica, ou de Almada, a mim que me dá d'isso?

D. Andreza

E então?!

Martinha

Nem que elle fôra agora o meu derriço!

D. Theodora

O *Diccionario*, monstro, é o rei da orthographia,
da orthoepia e prosodia, e da etymologia!!!

Martinha

Nunca vi essa gente...

D. Theodora

Oh! monstro de ignorancia!
quando has de comprehender que para a concordancia
dos termos entre si, foi sempre necessario
a Grammatica?!!...

D. Andreza

É certo!

D. Theodora

E a par o Diccionario.

D. Andreza

É verdade.

Martinha

Pois sim; mas cá a uma criada
quer concordem, quer não, quer joguem a pancada,
que monta? nunca os vi nem sou sua parenta
com'ó outro que diz...

D. Andreza

Affasta-te, jumenta!

D. Theodora (para Gonçalo)

E o senhor inda hesita? inda a não põe na rua?

Gonçalo (á parte)

Teimou, ha de levar já agora avante a sua.
(para Martinha disfarçadamente)
Não a agonies mais; sae-te d'ahi, Martinha!

D. Theodora (com ironia)

Cuidado! não magoe a pobre innocentinha!
trate-a assim com melindre! Até me desconsola
ver que eu sou mais varão do que este banasola!

Gonçalo (em tom resoluto)

Engana-se (para Martinha) Partir!
(mais benigno) Vae; pobre rapariga!
Vae-te em paz!

Martinha

Nan tem duv'da: o pão, com bem o diga,
em toda a parte s'acha. Acaba-se o fadairo;
Deus ha de me adregar casa sem deccionairo.

SCENA VII

Os mesmos menos MARTINHA (que sae pela direita)

Gonçalo

Bom! fiz-lhes a vontade. Estão já livres d'esta.

D. Theodora

Te Deum laudamus!

Gonçalo

Eu é que não louvo a festa!
era uma boa serva, humilde, mui sisuda,
optima cosinheira, activa...

D. Andreza

Uma lanzuda!

Gonçalo

E expulsa então porquê?

D. Theodora

Porque era uma birbante...

D. Andreza

que nos martyrisava a orelha a cada instante...

D. Theodora (baixo para D. Andreza)

O *timpano* é mais fino, e *orelha* é gallicismo.

D. Andreza

Timpano, orelha, e tudo!

D. Theodora

Emfim, o barbarismo
em pessoa!

D. Andreza

A rudez, que tomou carne humana.

D. Theodora

A *rudeza* é melhor, diga a *rudeza*, mana,

Gonçalo (á parte)

Esfreguem-se uma á outra á falta da Martinha.

D. Theodora

Era até por demais! Era uma ladainha
de dixotes da plebe, uns anexins vulgares,
que a gente de os ouvir, sentia-se ir aos ares;
um escandalo em tudo; e tenham d'ella dó!

Eu cá, tanto como ella o tinha do Bluteau
e do Moraes e Silva!

D. Andreza

E do Bento Pereira!
Nunca vi, nunca vi, uma alma tão grosseira!

D. Theodora

E haver quem na defenda! até me infunde pasmo.

D. Andreza

Sempre a *cacafonia* e sempre o pleonasmo!

Gonçalo

Que tenho eu co'o pleonasmo ou co'a cacofonia?
Como ella os não guizava, assava, nem cosia,
que me importava a mim? Eu vivo da panella
e não do frazeado e pompas da loquela!
Que tem lá que ao fallar lhe chovam destemperos,
se nunca lhe erra a mão na conta dos temperos!
Cada qual para o que é. Vocês là na cosinha,
não faziam melhor que ella na escrevaninha.
Se fosse co'a Martinha a concurso o Moraes,
sobre a sopa doirada, ou sobre ovos reaes,
muito havia de eu rir de ver d'esse concurso,
sair-se ella doutora, e elle, peor que um urso!

D. Theodora

Olhem que discorrer! que hypóthese!

D. Andreza (baixinho para D. Theodora)

Hypothése!
Creio que é *hypothése:* elle vem de *hypo* e *these.*

D. Theodora (baixo para D. Andreza)

Deixe-o vir, cale a boca, e não me quebre o fio!
(alto)
Mas, devéras, Gonçalo: até já desconfio
de não seres o mesmo a quem eu dei outr'ora
a minha mão de esposa!

Gonçalo

Ahi temos outra, agora!
que vem n'isso a dizer?

D. Theodora

Venho a dizer na minha:
que o homem que eu amei, e a quem me uni, não tinha
esse pensar villão, material, terrestre,
que só cuida em comer, como o animal silvestre
que, segundo bem diz Ovidio, é tão mesquinho,
que ás altas regiões não ergue o seu focinho.
Que é o corpo? que val? o corpo, esta bagagem

do espirito sublime? esta fatal voragem
de tudo quanto é nobre? este javardo obscuro,
vergonha de Aristípo, e infamia de Epicuro?!
A carne carne sonha, e com a carne morre!
A mente que a domina, a terra e os ceos percorre,
cresce em luz, medra em gloria, é viva eternamente;
co'o passado e o porvir, amplia o seu presente.
Vejam Newton, o grande, o deus da mathematica!

D. Andreza

Vejam Bento Pereira, o genio da grammatica!

D. Theodora

O Laplace! o Buffon! e tantos immortaes!
vejam se algum fallou jamais de ovos reaes!

Gonçalo

Tudo isso é muito bom; mas eu, como nasci
co'o meu corpo, ou javardo, e com elle cresci,
e desejo viver com elle inda alguns annos,
vou cá por onde vae o resto dos humanos.
Gosto de comer bem; e até confesso que ardo
se vir emagrecer agora o meu javardo.
Quando eu era rapaz, e solteirinho, em Roma...;
aquillo é que era tempo!... ai! que saudades!...

D. Theodora

Coma,
beba, ninguem lh'o veda. O humano entendimento

precisa arraçoar o corpo, seu jumento;
porém não se extasie a olhar como elle esmoe.
Cápua com seus festins deu cabo d'um heroe!

D. Andreza

Certo é: de Scipião...

D. Theodora (emendando)

De Annibal. Esse estrago
não lhe lembra que foi na gente de Carthago?

D. Andreza

Se não me ha de lembrar! Como se fosse agora;
e o *chefre*, era o Scipião; pois não, mana Theodora?

D. Theodora

Annibal, mana Andreza.

D. Andreza

Annibal, ou Scipião;
que era um dos dois, sei eu. Siga a argumentação;
vá.

D. Theodora

Se, mais pensador, Annibal resistisse
ao comer e ao beber, talvez não sucumbisse.
Comprehendes, Gonçalo, a força do argumento?

Para o corpo animal, basta qualquer sustento;
para a alma, porém, essencia entre as essencias,
venha quanto maná dar possam as sciencias:
leis, politica, historia, a cirurgia, a ethica,
o calculo, a geodésia, a oratoria, a dialectica,
a historia natural, a physica, a grammatica,
a estrategia, a obstetricia, a nautica, a aerostatica,
a symbolica, a hygiene, o commercio, a gymnastica,
necromancia e hygromancia, a esthetica co'a plastica,
a agronomia...

(isto deve ser recitado com uma grande volubilidade)

D. Andreza

Basta! Olhe, que se diz tudo,
entisica e não chega a quanto abrange o estudo!
Que sabia! que mulher! Inda a posteridade
lhe ha de alçar uma estatua!

Gonçalo

Isso ha de; pois não ha de!
Mas, se me dão licença, eu devo em consciencia,
dizer-lhes uma coisa ácerca da sciencia.

D. Theodora

Tu?!

Gonçalo

Eu.

D. Andreza

O mano?!

Gonçalo

O mano. Escutem-me com siso,
com paz e muito a bem; se eu fallo é que é preciso.

D. Theodora

Esto brevis!

D. Andreza

Resuma!

D. Theodora

Eu tenho á minha espera
Tito Livio.

D. Andreza

E eu, que vôo em menos alta esphera,
tenho tambem á minha (ha tres horas até)...

Gonçalo

Quem? O Cesar talvez!

D. Andreza

O *tu-tui-tibi-te!*

D. Theodora

Falle *ex abrupto!*

Gonçalo

Ahi vae. O maná da sciencia
em que vocês tem posto a sua subsistencia,
é, segundo se diz por ahi geralmente,
dessórado, chilrinho e nada nutriente;
indo por esse andar...

D. Theodora (repetindo a ultima phrase de Gonçalo)

Indo por esse andar!!!!

D. Andreza

Que phrase de saloio!

D. Theodora

Estylo archi-vulgar!

Gonçalo

Ah! pois elle é assim? Já nós lá vamos? Ferem
a mão que lhes acode...

D. Theodora

Endoideceu!

Gonçalo

Bem; querem
que emfim lhes diga tudo? ahi vae. Saibam, senhoras,

que, se julgam ter ganho a fama de doutoras,
vivem n'um mero engano. Em quanto alguns vadios
as vem escarnecer com parvos elogios,
esses mesmos lá fóra, e o publico em geral,
chamam-n'as doidas, vans, musas de carnaval,
sereias da enxurrada, e Saphos de obra grossa.
Crêm-se em carro triumphal, e andam numa carroça
de mascaras de entrudo. E eu, irmão, pae, marido,
n'este apupo, não vou (sem culpa) comprehendido?

D. Theodora

Pois tu, na minha cara, ousas dizer, Gonçalo...

Gonçalo

Eu não é á senhora, é á minha irmã que fallo.
Pois é verdade, Andreza: um leve barbarismo,
solte-o quem o soltar, lança-as n'um paroxismo!
Ao passo que vocês no seu comportamento,
os commettem aflux, sem pejo, a cento e cento!
Aborrece-me ver toda essa livraria;
e afóra o meu *Plutarco*, o *Officio de Maria*,
e o *Real Cosinheiro*, o mais que as desatina
melhor fôra applical-o a aquecerem-me a tina.
Deixem lá a sciencia aos homens que a professam,
e que inda assim, Deus sabe as vezes que tropeçam,
e chegam a estender-se! E olhe: antes de mais nada,
mande querida irmã, tirar da agua furtada,
aquelle oculo-obuz que faz terror só vel-o,
com que andam a piscar o olho ao setestrello,
e todo o mais cadóz de sabia tralhoada,

com que bem bons vintens se vão fundindo em nada.
Que tem com o que ha na lua? A não serem lunaticas,
porque é darem a noite a essas mathematicas?
Se a lua é lá de Deus, e a sua casa é sua,
rejam vocês a casa, e Elle que reja a lua..
Em vez de perscrutar o giro aos astros, acho
que era melhor tratar das coisas cá de baixo;
que indo assim como vão, sem rei nem roque, á toa,
breve dão em pantana; e quando uma pessoa
lhes quizer acudir, será já tarde. Os astros
nunca ás chagas dos Jobs hão de servir de emplastros.

D. Theodora

Acabou o sermão?

Gonçalo

Falta a peroração;
com um minutinho mais despeço-as do sermão,
convertidas, não sei, nem mesmo tal espero,
mas como é dever meu, cumpril-o agora quero.
Não é bom que a mulher (e por varios motivos)
more n'um mundo aereo, entregue aos incentivos
de indigestas noções, que, dando na fraqueza,
lhe matam gosto, siso, encantos e pureza.

D. Andreza

O que ali vae!

Gonçalo

É isto! Aos filhos, quando os tem,
dar boa educação; reger os servos bem;
trazer a casa farta, aceiada, alegre, unida,

sem mingoas nem superfluo; estimada, querida,
respeitada da inveja, et cætra, eis a sciencia
propria ao sexo a quem Deus fez vice-providencia.
Quererem saber mais do que lhes é preciso,
põe-nos, ellas e nós, fóra do paraiso.
Saibam fazer-se amar, serão sem custo sabias.
Sabias, d'outro theor são gente das Arabias.
Eu cá por casa o vejo; e se hoje é a vez primeira
que eu assim desabafo e espremo esta baceira,
é porque, a pesar meu, que altercações odeio,
fui por vocês forçado a descobrir meu seio.
Uma só cobra a Adão bastou para perdel-o;
cá no meu paraiso ha duas de capello.

D. Theodora (para D. Andreza)

E então!

D. Andreza (para D. Theodora)

E então!

Gonçalo

Repito: é isto: a minha gente
conhece palmo a palmo o polo, a zona ardente,
o que se faz na Lua, em Jupiter, em Marte,
em Ceres, em Mercurio, em fim por toda a parte
com que nada me importo, e ignora se na sopa
se deitou sal, ou não, e se ha na cama roupa.
Se até a criadage (o exemplo é pegadiço!)
já prefere a sabença ás coisas do serviço!
Vivem a arrazoar; e em tanta arrazoação

tudo o que ha vem á balha, afóra o que é razão!
Um, lendo a historia grega, absorto e enthusiasmado
no incendio de Troia esturra o meu assado!
Outro, peço-lhe á mesa o vinho quatro vezes,
e não ouve; anda armando um livro de entremezes!
N'outro dia o cocheiro, ia-me tão pasmado
a compor um soneto em honra ao bem amado...
que por um triz não salta ao fundo d'um lameiro:
parelha, trem, patrão, soneto, amor, cocheiro!!
Em summa, tem já quasi as sabias conseguido
que tendo tanto servo, estou sem ser servido.
Só restava a Martinha isenta da gafeira...
pregam com ella fóra! A melhor cosinheira
que n'esta casa entrou! despedem-m'a tão só,
porque erra o verbo *ser*, e falha no Blutó.
Mana Andreza (repito: eu fallo á mana Andreza,
já disse, e a mais ninguem.) Declaro com franqueza:
não posso ver a casa, assim, de noite e dia,
arvorada em Lyceu, Parnaso e Academia!
E dos eruditões que me inflamam a bile,
não ha, não ha nenhum que tanto me inquizile
como esse tal Pancracio... (até o nome apura!)
esse poetastro ensosso, inchado de impostura,
lardeado de latins, patife além de orate,
nas mais casas um bobo, e n'esta nossa um vate!
Quem as magnetisou? quem as endoideceu?
co'a negra versaria abortos do estro seu?
digam que não foi elle!

D. Theodora

Oh! que rudeza ilota!

D. Andreza

E que tosco exprimir! um semelhante idiota
ser meu irmão! não creio. Adeus! Fica-te só,
bastardo da sciencia, alma de noitibó!
(sae arrebatadamente pela esquerda)

SCENA VIII

Os mesmos menos D. ANDREZA

D. Theodora

Tem mais algum farpão que despejar da aljava?
Se o tem, faça favor, não cesse. Eu desejava
estar a ouvil-o sempre, em quanto lhe corria
essa veia caudal que eu não lhe conhecia.
Não sabe para quê? E porque trago o intento
de unir ao Diccionario um grande *Supplemento*
dos dizeres brutaes, infames, desasados
só de esposos villões e da vil plebe usados!

Gonçalo

Não vae a arrenegar! Foi uma trovoada
que passou; já faz sol; adeus! não valeu nada!
Fallemos d'outra coisa; a sua morgadeta
aborrece o casar; não é como a Henriqueta.
Põe na philosophia as suas glorias todas:
a mãe gosta, eu consinto, e não lhe fallo em bodas.

A mais nova porém já pensa d'outra sorte;
e acho que será bom provel-a d'um consorte.

D. Theodora

Tambem já pensei n'isso, e tenho decidido...

Gonçalo

Já!

D. Theodora

Conceder-lhe...

Gonçalo

Quem?

D. Theodora

Pancracio por marido.

Gonçalo

O Pancracio!!

D. Theodora

Bem sei que o nome a alguem destoa,
paciencia!

Gonçalo

O Pancracio!!

D. Theodora

O Pancracio em pessoa!

o poetastro, o bobo, o inchado de impostura,
que, se de lhe agradar não teve inda a ventura,
a mim até me encanta; e que eu a ser donzella,
tomara para mim, em vez de o dar a ella.

Gonçalo

Isso é que era pechincha! e eu outra vez solteiro
a dar-lhes parabens, e a elle inda primeiro...
mas não tinha de ser: casamento e mortalha...

D. Theodora

Muitas vezes no inferno e não no ceo se talha.
Não temos que altercar; sou mãe; sei bellamente
que esposo a minha filha é mais conveniente;
e decidi, repito!

Gonçalo (á parte)

Em casa do Gonçalo
bem dizem: a gallinha é quem governa o gallo.
Ai! muito custa a paz!

D. Theodora

E a Henriqueta, meu rico,
sobre a escolha que fiz, não me abra sequer bico;
percebeu? toca á mãe tomar a iniciativa: —
tenho as minhas razões.

Gonçalo

Pois sim! ninguem n'a priva
da sua regalia!

D. Theodora

E olhe que eu não sou tola.
Se for antes de mim dispôl-a ou indispôl-a,
logo á legua o percebo.
(sae com toda a gravidade pela esquerda)

SCENA IX

GONÇALO e LEONARDO (que vem da direita)

Leonardo

A minha irmã, cunhado,
sae d'aqui...

Gonçalo

Sae.

Leonardo

Por tanto, o caso está fallado!

Gonçalo

Está!

Leonardo

E ella que disse? annue?... (que maravilha!)

não poz dificuldade em dar a Jorge a filha?
Logo a coisa está feita...

Gonçalo

Inteira, inteiramente,
não se póde dizer.

Leonardo

Achou-a renitente?
Oppõe-se?

Gonçalo

Não.

Leonardo

Hesita?

Gonçalo

Ai, nada.

Leonardo

Essa é bonita!
Se diz que não se oppõe; se diz que não hesita;
que é pois o que ella faz?

Gonçalo

Quero ver se me decido,
sim, se annuo a aceitar-lhe outro homem por marido,
percebe?

Leonardo

Não percebo; outro homem!! Bruto ou Cassio talvez!

Gonçalo

Nada.

Leonardo

Então é?...

Gonçalo

É o senhor Pancracio.

Leonardo

O erudito?

Gonçalo

Esse mesmo.

Leonardo

O doutor Latinorio, como o chamam?

Gonçalo

Tal qual.

Leonardo

Rico de palavrorio, e mais nada...

Gonçalo

Esse mesmo.

Leonardo

E o cunhado que disse?
Repulsou logo, aposto, a enorme parvoice?
Que resposta lhe deu?

Gonçalo

Nenhuma: fui prudente;
para não me obrigar, tomei essa tangente.

Leonardo

Magnifica em verdade! Ao menos fallar-lhe-hia
em Jorge?

Gonçalo

Eu não.

Leonardo

Pois nem...

Gonçalo

Então! Como queria
quando ella me propunha o genro de quem gosta,
lhe fosse eu de chapuz co'uma proposta opposta?

Vamos devagarinho: eu sigo o: *piano piano*,
que assim (dizem na Italia) é que se vae *lontano*.

Leonardo

Lá prudencia até 'hi! não se envergonha! em tudo
sob os pés da mulher! até n'isto! um barbudo!

Gonçalo

Gosto de ouvir fallar a quem se ri de fóra!
Tivesse por mulher, como eu, uma Theodora...
veriamos. Socego, é ao que eu mais aspiro;
e ella, em se lhe indo á mão... não ha peor vampiro!
De filosofa timbra; arrota de Epicteto;
mas se a assanham, é bicha, e pula até ao teto!
Deus nos livre! a doçura, e as taes filosofias,
são de hora quando muito; e as furias... de oito dias!
Em eu a vendo assim, não sei onde me esconda!
e quer o mano então, que eu grimpe e lhe responda!!
responder-lhe! apagar com agua-raz o lume!
Podia até... sei cá... sovar-me! Nem presume
o genio que ali está! Sabe o que eu faço então,
(em favor, já se vê, da paz e quietação)
é chamar-lhe: — o meu tudo, a minha pomba, a minha
delicia, anjinha benta, e rica Theodorinha!
Com ellas, só assim se faz algum milagre:
ao mel acode a abelha e foge do vinagre.

Leonardo

Confesse que é um fraco.

Gonçalo

Um fraco!

Leonardo

E não supponha
com essas más razões salvar-se da vergonha;
a culpa não é d'ella; a culpa é sua.

Gonçalo

É minha!

Leonardo

Pois quem é que a tornou despotica rainha,
senão quem ante os pés lhe roja como escravo?
N'essa roda fatal pregue afinal um cravo.
Seja varão; sacuda o jugo torpe e fero;
tem barbas n'essa cara: aprenda a dizer *quero!*
Se a familia está doida, amanse-a, e não me diga,
que por amor da paz, a pobre rapariga,
uma filha, uma joia, ha de sem mais defeza,
por tontices da mãe, da mana, e tia Andreza,
com Pancracio casar, victima expiatoria.
Quem é elle? que tem? que val? que sabe? historia!
não póde ser; acuda á misera Henriqueta.
Como padrinho d'ella, oro ao pae que intrometta
a sua auctoridade, e evite um casamento
que a mata e nos deshonra!

Gonçalo

É certo! fui jumento!
e ia sendo um mau pae. Salvou-me a tempo, o mano!
Pois vou ser homem, vou!

Leonardo

Bem dito!

Gonçalo

É de pastrano
andar agora sempre ás ordens da consorte
o rei da creação, o ente do sexo forte!

Leonardo

Bravo!

Gonçalo

Abusou demais da minha complacencia!
Basta!

Leonardo

Certo!

Gonçalo

Hoje finda a sua prepotencia!

Leonardo

Optimo!

Gonçalo

Se o não sabe, aprenda a tal rainha...

Leonardo

Isso!

Gonçalo

que a minha filha, é minha e muito minha,
e não ha de casar senão com quem eu queira!

Leonardo

Viva quem tem juizo!

Gonçalo

Era uma parvoeira...

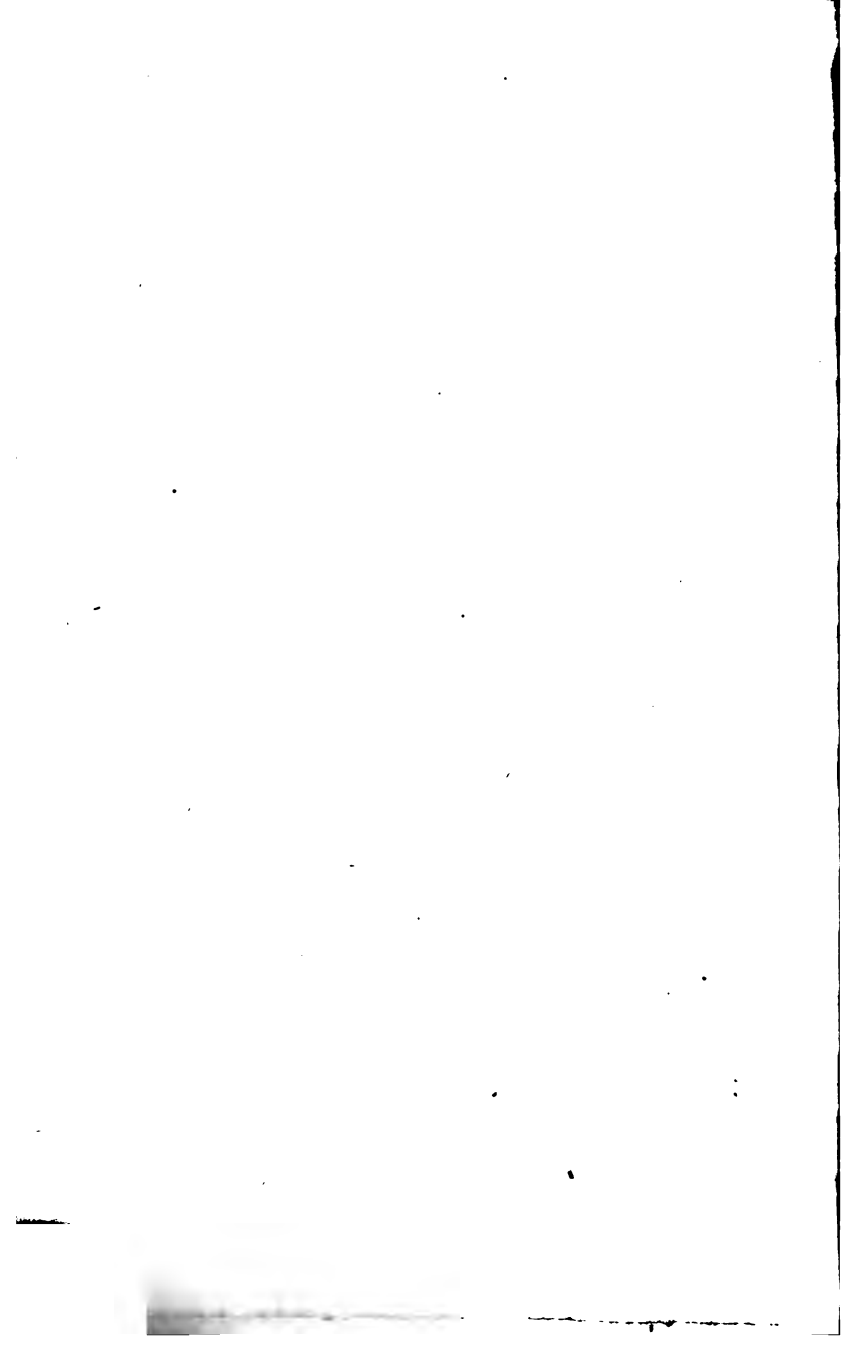
Leonardo

Passou.

Gonçalo

Passou! E vá, vá já dizer, cunhado
ao nosso caro Jorge, o que hei deliberado:
que venha aqui. Por tolo, a mim já me não comem.
Juro-lhes que esta casa ha de cheirar a homem.

FIM DO ACTO II

ACTO III

Livraria em casa de Gonçalo. Ao meio meza, com um tinteiro, estante de leitura e enorme papelada. Sobre a meza estatua de Apollo. Diante da meza uma cadeira de espaldar de frente para a bocca do theatro.

SCENA I

D. THEODORA, D. LAURA, D. ANDREZA E PANCRACIO
(entrando todos juntos da esquerda)

D. Theodora

Aqui, senhor Pancracio, está-se optimamente.
Já mandei prohibir a entrada a toda a gente;
desejamos gosar em plena liberdade
versos que o meu Apollo
(apontando para a estatua) ha de invejar...

D. Andreza

Isso hade!

Pancracio (para D. Theodora)

Gratias agimus tibi! (para D. Andreza) et tibi!

D. Theodora

Olhem que idioma
tão bello e magestoso. Em tudo que é de Roma
sente-se o povo-rei. Eu, se a metempsicose
do Samio não mentiu, sou a methamorfose,
com pouca alteração, de alguma antiga heroina
romana; sim: Lucrecia, ou Nemese, ou Corinna;
tamanhas seducções á mente me offerece
tudo que é d'esse tempo! Ás vezes me parece
lembrar-me até que estive em casa do Mecenas,
no Portico de Livia, e que applaudi as scenas
do Circo e Amphitheatro. O Rapto das Sabinas,
certo o vi; e até fui uma das taes meninas!
Ai! meus dias d'outr'ora! isso é uma saudade,
que me aviva o pensar na minha grão cidade,
que tudo mais me anoja. Eu ando por aqui
como emprestada, estranha, e alma que já vivi.
Só quando acho um Pancracio, um maximo erudito,
goso outra vez da luz, e á gloria resuscito.

Pancracio

Gratias agimus tibi!

D. Theodora (continuando)

e torno a ser qual fui.

D. Andreza (em particular para D. Theodora e impaciente)

Olhe que erudição!! o *tibi* é do *tu tui*,
não é?

D. Theodora (devagar para D. Andreza)

É, sim; não falle.

Pancracio (considerando a bibliotheca)

Optima livraria!

D. Theodora

Não é de todo má!
(apontando-lhe para algumas das obras que estão pelas estantes)
Sophocles, Beccaría,

D. Andreza (apontando para um volumaço)

o Indigesto,

D. Theodora

Varrão, Sallustio, Collumella,
ali temos o Plinio, aqui Pomponio Mella,
Sevigné, o Alkorão,

D. Andreza

Bretoldo, Bretoldinho,
Cacaceno,

D. Laura

Averroes, Marcial,

D. Theodora

José Agostinho,

a Arte de Partejar,

D. Laura

o Corpo dos Poetas,

o Sabio em mez e meio, a Clarice, as Pandetas,

D. Theodora (mostrando uma volumosa collecção de in-folios)

Olhe se ha collecção maior de extravagantes!

Pancracio (olhando para todas tres)

Isso affirmo eu que não.

D. Laura

O Espelho de Elegantes,

D. Andreza

Bento Pereira,

D. Laura

Aquillo é a Fabula dos Numes.

D. Andreza

Isto o José Daniel.

D. Theodora

Aquelles dez volumes
que parecem missaes, são os dos meus escriptos;
bagatelas!...

D. Laura

Pois não, mamã; são mui bonitos.

Pancracio

Credo equidem, credo! e d'um ao outro polo,
talvez coisa melhor nunca a dictasse Apollo,
na cara d'elle o digo! (apontando para a estatua)

D. Theodora

Eu mandei aqui pôr
sobre a mezà da escripta o deus inspirador,
em memoria de Augusto, o Cesar de mais tino,
que poz na Bibliotheca o Apollo Palatino...
E é verdade! o laurel! que é do laurel do estylo?
Hoje que mais razão teria de cingil-o
em honra ao seu Pancracio, amostra-se em cabello!

D. Andreza

São coisas da Martinha! havia de varrel-o,
c'o o lixo esta manhã, que diz que estava seco.

D. Laura

Bem seco tinha ella o siso!

D. Andreza

Seco e peco!

D. Theodora

Não ha, senhor Pancracio, angustia mais tyranna
para quem foi matrona e timbra de romana,
que aturar hoje em dia as brutas das criadas;
ou as servas d'outr'ora, ou estas desastradas!

Pancracio

As boas, a Plutão já todas deram contas;
é contentar do que ha.

D. Theodora

Aqui nos tem já promptas
para ouvir e admirar-lhe a nova poesia.

D. Laura

Mamã, este senhor, talvez estimaria
ver primeiro o museu.

Pancracio

Inda mais raridades?

D. Theodora

Pois não, senhor Pancracio! *in verbo* antiguidades
temos com que o fartar.

Pancracio

Oh! oh!

D. Theodora

Tudo romano,
e authentico. Merquei-o a certo italiano
por dois contos de réis; mas para gente sabia
vale milhões!

Pancracio

Talvez escavações de Stabia,
de Herculano ou Pompeia.

D. Laura

Até da propria Roma.

D, Theodora

Não faz idéa! tenho: um resto de redoma
do toucador de Claudia, e que inda cheira a nardo!

D. Laura

Duas unhas do Caco...

D. Andreza

Um dente do javardo
que o Hercules matou!

D. Laura

Uma vestal!

D. Andreza

Mui secia!

D. Laura

Uma alparca de Numa!...

D. Theodora

O punhal de Lucrecia!
uma urna cineraria, alguns vasos etruscos
co'uns satyros caçando ás nimphas!

D. Andreza

Tão patuscos!
ha de gostar de os ver.

Pancracio

Por certo!

D. Theodora

Um camapheu
de Virginia!

D. Andreza

E diz que é toda o retrato meu.

D. Theodora

Emfim... verá, verá; mas vamos á poesia!

D. Andreza

Estou já impaciente.

D. Laura

E eu, com hydrofobia
de haurir essa Castalia.

D. Andreza

O Pegaso...

D. Theodora (zangada)

Caluda!
tem a palavra o genio.

Pancracio (a D. Theodora)

Ó musa! não se illuda.
Não espere de mais, que póde achar de menos!
Entre cisnas do Pindo e em prados tão amenos,
costumados a echoar as vozes de Minerva,
que posso eu avultar? quanto no bosque a herva.
Mas emfim, cumprirei. Se exigem...

D. Theodora

Exigimos!

D. Andreza

Para o timpano meu não ha mais gratos mimos!

D. Laura

Nem para o meu tambem.

D. Theodora

Eu acho até sevicia
ter-nos aqui a aguar á espera da delicia.
Versos como elle os faz, repito-o muita vez,
de Roma para cá inda ninguem os fez.

D. Andreza

É uma suavidade!

D. Theodora

Um *pathos!*

D. Laura

E a doçura!...

D. Andreza

E a elegancia! a elegancia!

D. Theodora

E o chiste!

D. Laura

E a contextura!

D. Theodora

Tão logica e subtil...

D. Andreza

E pois os consoantes!!..

D. Theodora

Tudo rubis ideaes, perolas e diamantes!

Pancracio

O meu pobre soneto é um recem-nascido,
que hoje á Misericordia eu trago inda envolvido
nas fachas infantis...

D. Andreza

Que idéa tão mimosa!

Pancracio

A roda em que eu o exponho ha de lhe ser piedosa,
não como a da fortuna!

D. Andreza

Olhem que subtileza
tão... tão... tão... tão... subtil!

D. Laura

Por quem é, tia Andreza,
não interrompa o vate!

Pancracio

Embora me interrompa;
já n'esta voz presaga oiço da fama a trompa.

SCENA II

Os mesmos e D. HENRIQUETA (que vinha entrando da esquerda; e percebendo que estão em colloquio litterario, vae para se retirar)

D. Theodora (a D. Henriqueta)

Porque foge? onde vae?

D. Henriqueta

Receio perturbar...
Conheço que não é aqui o meu logar.

D. Theodora

Chegue-se; vae ouvir... (são ambas minhas filhas,
e eu não faço excepções) vae ouvir maravilhas!

D. Henriqueta

Não duvido; o peor é que a minha insciencia
me veda apreciar...

D. Theodora

Pois tenha paciencia,
mas fique; ha de as ouvir; ouvindo é que se aprende.

D. Henriqueta

Quem não é rude; agora uma que nada entende...

D. Theodora

Fique, e não me retruque; ha de ser cá precisa.
Tenho que annunciar-lhe...

Pancracio (para D. Henriqueta com ar galanteador)

A flor que ondeia à brisa
repugna estar parada. Adivinhei? Demais:
os genios varios são, e os gostos deseguaes,
como bem advertiu Plinio o Naturalista.
Das eruditas pois, não ama entrar na lista;
contenta-se de ter por entre as mais senhoras
um logar principal no rol das seductoras.
Sou Lavater, ou não?

D. Henriqueta

Sei cá o que é Lavater!

D. Andreza

Venha o recem-nascido!

D. Theodora

Expone filium, pater!
(chamando) Isidro!

Isidro (apparecendo á porta)

Prompto!

D. Theodora

Aqui já cathedras!

Isidro

Senhora?

D. Theodora

Cathedras!

Isidro

O que são?

D. Theodora (á parte)

Jesus! que se não fôra!...
(alto) Mobilia para assento!

Isidro

Isso hão de ser cadeiras!
Prompto!
(Sae, para entrar logo correndo com duas cadeiras; torna a sair e volta com mais duas, o que tudo se faz no decurso dos sete versos seguintes)

D. Theodora

Custa a viver com almas tão rasteiras!
Não entendem senão pão, pão, e queijo, queijo.

A metafora, o tropo, a frase com harpejo,
o estylo remontado, um qualquer termo archaico,
deixa-os a adivinhar como se fôra hebraico.

D. Andreza

Quasi que era melhor seguir a gente a praxe
de se servir a si como o João de Alfarache.

(Isidro, quando vem correndo com as cadeiras, cae)

D. Theodora

Estendeste-te; vês? ahi tens o resultado
da physica infringida. A teres conservado
a perpendicular ao centro da attracção...

Isidro

Certo é; só me lembrou, depois de estar no chão.

D. Theodora (para Isidro que sae)

Desastrada ignorancia!

D. Andreza

Imbecil!

D. Henriqueta

Pobre Isidro!

Pancracio

Ainda foi por Deus o elle não ser de vidro.

D. Laura

Em tudo é sempre engenho!

D. Theodora

O engenho é nos seus labios,
uma chuvinha assim d'estas de molha sabios.

(Sentam-se todos em semi-circulo, ficando Pancracio na cadeira de braços; á sua direita D. Theodora e D. Laura; e á sua esquerda D. Andreza, e depois D. Henriqueta. Esta ultima durante a scena está distrahida, disfarçando bocejos e até cabeceando)

Bello! está já disposta a meza do triclinio!
Venha o nectar e a ambrosia, o banquete apollineo.
Comece do alto toro o nosso Padre Eneas.

Pancracio

Para banquetear tão avidas sereias,
em vez de pratos cento, opiparos, diversos,
trago um pratinho só e de quatorze versos;
mas emfim a indulgencia é propria das deidades.

Todas as sabias

O soneto! o soneto!

D. Theodora

Ai! que morosidades!

Pancracio

Fil-o a uma trança preta.

D. Andreza (para D. Henriqueta que lhe está ao lado)

Um calambur feliz:
filou a trança preta; assim como quem diz:
pegou-lhe por ali.

D. Theodora (impaciente)

Chiton! e oiça, Henriqueta!

Pancracio

Como dizia pois, fil-o *A uma trança preta*

D. Andreza (em voz baixa para D. Henriqueta)

Repara, Henriquetinha; o teu cabello é preto,
e elle olhou para ti.

Pancracio

Lá vae, lá vae! *Soneto!*
(A recitação de todos os versos do soneto deve ser com toda a exagerada cantilena dos oiteiros)
(lê) Diversa em côr, egual em bizarria,

sois, bella trança, ao lustre de Sofala;
luto, por negra; por vistosa, gala;
nas cores, noite; na belleza, dia.

D. Theodora

Ih! Jesus! que portento! o que elle em quatro linhas
pôde já embutir!

D. Andreza

Quatro, e das mais curtinhas;
eu cá digo que Apollo é quem por elle falla.

D. Theodora

Como lhe lembrou logo o oiro de Sofala!

D. Laura

Eu inda admiro mais aquelles trocadilhos:
sombra e luz, luto e gala; e a noite envolta em brilhos!

Pancracio (repetindo a leitura)

Diversa em côr, egual em bizarria,
sois, bella trança, ao lustre de Sofala;
luto, por negra; por vistosa, gala;
nas cores noite; na belleza dia.

Todas as sabias

Ih!!!...

Pancracio (continuando)

Negra, porém de amor na monarchia
reinaes senhora; não sereis vassalla;
sombra, mas toda a luz não vos eguala;
tristeza, mas venceis toda a alegria.

D. Theodora

Olha a trança o que está bem personificada!
não parece que é mesmo alguma dama ou fada?

D. Laura

E a dona d'ella então, vulto de todo occulto,
(percebem) deixa á coma o ser só ella o vulto.

D. Andreza

E aquillo de ser preta, uma preta, um tição,
como as que andam *é err* a vender mexilhão,
e mesmo assim reinar de amor na monarchia;
assim como quem diz nos reis, a mãe Maria!
tem um chiste! e o reinar! reinar — sem ser vassalla;
o reinar do cabello!

D. Laura

E a luz que não eguala
por maior que ella seja, ao merito da sombra!

D. Theodora

Eu acho outra expressão que ainda mais me assombra:
e é o cabello triste a vencer a alegria!
esta, se elle a não diz, quem jamais a diria?

Pancracio (depois de cortejar a companhia em agradecimento aos elogios que esteve ouvindo com sorriso de complacencia, torna á recitação desde o principio do soneto)

Diversa em côr, egual em bizarria,
sois, bella trança, ao lustre de Sofala.
Luto, por negra; por vistosa, gala;
nas cores, noite; na belleza, dia.

Negra, porém de amor na monarchia
reinaes senhora; não sereis vassalla;
sombra, mas toda a luz não vos eguala;
tristeza, mas venceis toda a alegria.

Tudo sois; mas eu tenho resoluto,
que sois só na apparencia enganadora,
negra, noite, tristeza, sombra, luto.

Porém na essencia, oh! doce matadora,
quem não dirá que sois, e não diz muito,
dia, gala, alegria, luz, senhora?
(Todas, menos D. Henriqueta, disparam uma salva de palmas)

D. Theodora

Deixe-nos respirar que estamos afogadas
n'um diluvio de pasmo!

D. Laura

Absortas, encantadas!

D. Andreza

Se me vissem a pelle, é toda um arripio!
e a bola, á roda á roda, assim n'um corropio!...
Faz mesmo endoidecer! Onde é que este senhor
arrinca tudo aquillo?

D. Theodora

Eu cá, chego a suppôr
que nem elle, que é elle, abrange inteiramente
o immenso mar de luz escura e refulgente
que logrou resumir na concha d'um soneto.
Prometto decoral-o!

D. Laura

E eu!

D. Andreza

Eu tambem prometto.

D. Theodora (recitando com o tom de Pancracio)

Porém na essencia, oh! doce matadora

D. Laura (no mesmo tom)

Dia, gala, alegria, luz, senhora!

D. Andreza

Tudo sois, mas eu tenho resoluto

D. Theodora

Quem não dirá que sois, e não diz muito,

Pancracio

Acham pois o soneto...

D. Andreza

Achamol-o admiravel!

D. Laura

Sublime!

D. Theodora

Portentoso!

D. Laura

Unico!

D. Theodora

Incomparavel!

D. Andreza

Capaz de infundir vida aos proprios escaletos!

D. Theodora

O *non plus ultra!*

D. Laura

A inveja e a morte dos sonetos.

D. Theodora

E então o recitado!

Pancracio

Ah! sim; a melopeia!
gostam da cantilena?

D. Theodora

Os vates da epopeia
todos dizem: eu canto! *ergo*, qualquer poesia...

D. Andreza

Quer-se cantarolada!

D. Laura

Aliás é prosa fria.

Pancracio

Eu cá, assim o entendo: a naturalidade,
deixemol-a ao commum da chocha humanidade.
O passaro que vôa exhala a voz em canto.

D. Theodora

N'uma breve expressão, ninguem diz mais nem tanto!

D. Andreza (para Henriqueta)

Não chego a comprehender, como é que esta sobrinha
n'um fogo tão geral persiste assim friinha!
sempre é forte apathia! Eu, juro-lhe, Henriqueta,
que endoidecia até, se eu fosse a trança preta.

D. Henriqueta

Cada qual, minha tia, é como Deus a fez;
deixe que haja uma em prosa; as sabias já são tres.

Pancracio

Talvez que esta senhora esteja fatigada
de ouvir os versos meus.

D. Henriqueta

Quem? eu? não ouvi nada.

D. Theodora

Venha a outra poesia.

Pancracio

Um simples epigramma
que improvisei ha tempo.

D. Andreza

Oiçam.

Pancracio

A certa dama.

D. Theodora

Epigrammas tambem?!

Pancracio

Tambem. Não sou eu só:
tambem Virgilio os fez; tambem os fez Roussó.
Quando o genio se cança e um desenfado o chama,
baixa ao rez dos mortaes e brinca. Eil-o: *Epigramma.*
(estaca á procura do primeiro verso)
Hum...hum...hum...hum...hum...hum...hum... se ha coisa como esta!
escapou-me:...hum...hum...hum...

D. Laura

Que pena!

D. Andreza

Esfregue a testa!

Pancracio

Abalou. Ha de vir quando não for chamado.
A memoria tem d'isto. Um sabio decantado
já lhe exprobou jogar com elle as escondidas;

e mil poetas bons de quem resumo as vidas,
levavam emprestado um pinto, como agora,
e perdiam-lhe a ideia antes de um quarto d'hora.

D. Theodora

Não sei se é prevenção; em elle abrindo a boca,
ou versando ou fallando, estou já como louca
á espera de caudaes, de coisas sempre novas,
que lhe tornam sem par as prosas como as trovas.

D. Laura

È verdade.

D. Andreza

É verdade.

D. Laura

Egual merecimento
não n'o ha.

D. Andreza

Benza-o Deus: é um bruto de talento!

Pancracio (para D. Theodora)

Agora que mostrei a minha obediencia
não poderei pedir-lhe uma correspondencia,
Calliope gentil?

D. Theodora

Ordene-a de improviso.

Pancracio

Uma vez que o Senhor poz n'este Paraiso
a arvore da sciencia aqui não prohibida,
dê-me dos fructos d'ella.

D. Theodora

Eu? quaes?

Pancracio

Gostos da vida!
quaesquer das producções do seu fecundo engenho.

D. Andreza

Que imagem tão galante!

D. Theodora

Em verso, nada tenho;
em prosa, sim; mas prosa em cima da poesia
é como agua salobra apoz a Malvazia.
Para outra vez será. Desejo até me diga
como pessoa séria, instruida, e nossa amiga,
a sua opinião sobre o que tenho escripto
de um plano de académia em que annos ha cogito,
e que promete ao mundo o immenso resultado
de uma revolução que o torne afortunado.

Pancracio

Abençoada académia! Instituição divina!

D. Theodora

E póde acrescentar que toda feminina.
Vamos ver se a mulher, tomando o caso a peito
consegue o que até hoje os homens não tem feito.
O *Exercito Amasonio* é o que lhe puz por titulo:
Por ora apenas tenho oitenta e um capitulo,
mas desejo-lh'os ler.

D. Andreza

Ha de gostar.

D. Laura

O estylo
é de uma elevação que dá regalo ouvil-o.

D. Theodora

Platão só esboçára o que eu desenvolvi.
A Republica d'elle, é realidade aqui.
Verão por esta obra os fanfarrões barbaças
se o vigor varonil não póde unir-se ás graças;
e se, o ter liso o rosto, e a voz mais delgadinha
co'o rei da creação prohibe haver rainha.
Basta de usurpações! o *Exercito Amasonio*
mostrará qual o sexo a creações idoneo.

Pancracio

Muito bem! muito bem!

D. Theodora

Para este mesmo objecto vou fundar um jornal.

Pancracio

Magnifico projecto!

D. Theodora

Escripto só por nós.

Pancracio

Em hora boa saia.

D. Theodora

Intitulado o *Ensaio*.

Pancracio

Era melhor *Em saia*.

D. Laura

Tem razão!

D. Andreza

Apoiado!

D. Theodora

Approvo! *Em saia* é dama;
esse titulo só dispensa mais programma.

D. Andreza

Já para os folhetins a Laura tem composto
uns romances, verá, coisa do melhor gosto.
Um é: *O Avô-negro ou o reo das catacumbas.*
Outro: *A victima incauta ou o homem das tres tumbas.*
Outro...

D. Theodora

Basta!

D. Andreza

Eu por mim já tenho preparadas
para um anno da folha, as graças, as charadas,
e muito calembur.

D. Laura

Diga antes calemburgo.

D. Andreza

Calemburgo, porquê? d'onde lhe vem o *burgo?*

D. Theodora

Não saberei dizer d'onde é que o *burgo* vem;
mas *burgo* é mais distincto, e ronca muito bem.

D. Andreza

Pois seja *bur* ou *burgo;* o caso, e o que eu dizia,
é que nasci com o don da calemburaria.
Diz que um sabio de Roma... o *Chíchero*...
(para D. Theodora á parte) Não era?
(alto) tambem calemburou.

Pancracio

Muitissimo!

D. Andreza

Podéra!

Pancracio

Optimamente! agora, é que eu deveras sinto
o não ser feminino.

D. Theodora

Embora! eu lhe consinto
colaborar tambem, se é isso o que deseja,
e apostolo quer ser d'esta sublime egreja;
comtanto que, ou escreva inteiramente anonymo,
ou nos troque o Pancracio em feminil pseudonymo.

D. Andreza

Pancracia, por exemplo.

D. Theodora

Aglae, Sulpicia, Adelia.

D. Laura

Violante,

D. Andreza

Magalona,

D. Theodora

Andromeda, Cornelia,
Eufemia.

D. Andreza

Esse era bom. É calemburgo: Eufemia,
sim, é como dizer, eu cá tambem sou femia.

Pancracio

O nome importa pouco!

D. Theodora

Importa immenso, immenso!
Fama, sem um bom nome, era impossivel, penso;
tanto assim, que esta e eu,
(apontando para D. Laura) os nomes que hoje temos,
e com que prosa e verso á gloria atiraremos,
arranjamol-os nós. Esta saíu da pia:
Escolastica; e eu, chamava-me Luzia.
Vejam se uma Luzia, ou mesmo uma Escolastica
podia haver jámais esthetica nem plastica,
para as nobilitar! madrinhas imbecis!
Sabe, senhor Pancracio, o que eu então nos fiz?
lembrando-me o saber da donzella Theodora,
dei-me aos livros, chrismei-me, e assim me assigno agora.

Minha filha adoptou o titulo de Laura
nome a quem o Petrarcha ha dado a maior aura.
Andreza era tambem um nome esquisitito;
iamol-o trocar; mas houve um erudito
que nos provou que Andreza era grego...

Pancracio

E é verdade,
e queria dizer: varão, virilidade,
ou coisa assim.

D. Andreza

Por isso eu a nenhum perdôo
que me ouse cortejar! amores! incordôo!

Pancracio

Que eu sempre quiz ao sexo, a todos é notorio;
mas hoje que aprendi n'este alto consistorio
té onde podem ir nas azas da sciencia,
adoro-as!

D. Theodora

Saiba então, mas muito em confidencia
que tentamos voar!

Pancracio

Voar?! fugir da terra!
Que perda para nós!

D. Theodora

De Icaro, o caso o atterra,
não é assim? nós porém, co'a luz da mathematica,
já riscámos tão bem a machina aerostatica
para o nosso viajar, que é mesmo uma belleza!
não ha p'rigo nenhum!

D. Laura

Nenhum. A tia Andreza
com dois moços de pulso, ha de ficar embaixo
a segurar a corda!

D. Theodora

A bussola, um velacho,
e um leme, dão certeza ás duas aereonautas
de regerem a barca *ad libitum*: é das pautas.
Ou a physica mente, ou co'a magia sua
ha de se d'esta vez saber o que ha na lua.

D. Andreza

Eu, n'uma lua cheia, e estando limpo o ceo,
vi lá co'o telescopio um homem de chapeo;
cuido que não me engano.

D. Theodora

Eu lá, por ora, gente
inda a não pude ver; mas vi mui claramente
uma torre de egreja.

Pancracio

E esta menina?
(apontando para D. Henriqueta)

D. Henriqueta

Eu... nada!
de noite durmo.

Pancracio

E Laura?

D. Laura

Eu, velo, entregue á fada
da minha inspiração romantica. Os horrores
deleitam-me inda mais que a lua e seus fulgores;
e se lá vou agora, é mais pelo dever
de acompanhar a mãe, que não por meu prazer.

D. Theodora

E por prazer tambem! Só esta dignidade
de andar por onde nunca andou a humanidade!
e ás vacuas regiões gritarmos nós, rainhas:
—Livres somos! adeus maridos e Martinhas!—

Pancracio

Vão com Deus! em voltando, encontrarão, prometto,
em premio á sua audacia o meu melhor soneto

imitado da ode: Assombro das Camenas
de Horacio ao seu Virgilio ao ir-se para Athenas.

D. Theodora

Quando mais nada houvesse, o obter poesia sua
bastava a resolver-me ao meu passeio á lua.
Não morrerei de todo: a gloria já m'o augura.

D. Andreza

Não morrem, não; cá fica a amarra em mão segura.
Ai! deixe-lhe mostrar a estampa feita á pressa
d'este nosso balão. É para ser impressa
depois, co'a relação d'esta viagem nova.

(Toma de cima da meza, e desenrola, um papel enorme, em que se acha pintada a sua machina aerostatica, entre as nuvens, e D. Andreza em baixo com dois moços a segurarem o cordão com unhas e dentes)

Aqui está!

Pancracio

Mui bonito!

D. Andreza

Approva; não approva?

Pancracio

Se approvo!

D. Andreza

É para ver se o *Exercito Amasonio*
promette, ou não promette!...

D. Laura

Elle não é mulher.

D. Andreza

Mas é digno de o ser. Portanto, bem podemos
por figura chamar-lhe o mesmo que nós semos.

D. Theodora (indo á meza e escrevendo n'um caderno)

Depois se verá isso; em todo o caso inscrevo
o seu nome no rol.

Pancracio

Mais gratidão lhe devo
immortal presidenta. Ha já muitas inscriptas?

D. Laura

Trinta e duas por ora.

D. Andreza

Algumas bem bonitas
que é para chamariz. Todas as seducções
emprega quem bem sabe armar revoluções.

Pancracio

Diz bem! grande noticia! e ha já bastantes themas
para os debates?

D. Theodora

Pouco; um cento de problemas
por ora, quando muito; ha pontos todavia
da maxima importancia: um: sobre orthografia,
que manda não só pôr consoantes duplicadas,
mas triplicadas mesmo, e até quadruplicadas,
ou mais se convier. Exemplo: o termo *barra*
contém varias noções, e a intelligencia esbarra;
mas não esbarrará na escolha do sentido
quando dois *erres* tenha a *barra* d'um vestido;
a *barra* de dormir, tres *erres;* a de um rio
quatro; a de ferro cinco; a de oiro seis a fio...
Assim quando eu vir *barra* escripta, já não erro:
sei se é d'agua ou de pau, d'oiro, fazenda, ou ferro.

Pancracio

Acho logico; assim como a clareza ordena
pôr n'uma pena um *ene* e dois na outra penna.

D. Theodora

Item:—Convém ou não á lingua o peneiral-a,
e da semea e rolão que encerra a patria falla,
extremar só a flor da mais subtil farinha
para os gastos da gente?

Pancracio

É boa!

D. Andreza

Pois foi minha.

Pancracio

Dou-lhe os meus parabens.

D. Andreza

A Theodora approvou-a;
Laura, tambem.

Pancracio

E eu acho-a, em todo o extremo, boa.

D. Andreza

Cada uma de nós vae assentando os termos
da sua antipathia; assim, depois de os termos
entregue mutuamente á proscripção que é justa,
fica a lingua...

Pancracio

Entendi : Lepida, Antonia, Augusta.
(apontando para cada uma d'ellas)
Em vez de um triumvirato, um triunfeminato!
Approvo plenamente, e assigno em branco o pacto;
Então é que isto é lingua!

D. Andreza

Um idioma de gente!

D. Laura

Sem palavra ruim...

D. Theodora

nojenta, ou indecente!
Quer ver outro projecto?

Pancracio

Olé se quero! quero.

D. Theodora

Este é o mais importante. Ha de applaudil-o, espero.
Considerando pois que o gosto e tacto fino
pertence em maior copia ao sexo feminino;
considerando o quanto, inda que o não pareça,
a mulher sempre obtem que o homem lhe obedeça;
considerando emfim as mil vantagens varias
de bem distribuir as palmas litterarias;
concorda esta académia em que d'aqui ávante,
todo e qualquer auctor, professo ou postulante,
prosador ou poeta, ou sabio, ou romancista,
critico, dramaturgo, ou simples charadista,
fique em tudo sujeito á avaliação suprema
d'esta nossa académia. E o que al fizer, que trema,
pois todo o enxame então lhe ha de cair em cima.

D'este modo, jornaes, livros em prosa ou rima,
o folheto, o pamphleto, e quanto se imprimir,
só aqui achar póde a chave do porvir;
e ninguem mais terá: gloria, saber, valia,
senão nós ou quem for da nossa parceria.

Pancracio

Lembra-me agora em bem: já tenho um manuscripto
para o nosso jornal, de um prestimo infinito.

D. Theodora

Obra sua?

Pancracio

Obra minha.

D. Laura

Original?

Pancracio

Podera!

D. Andreza

Grande?

Pancracio

Immenso.

D. Theodora

Chamado?...

Pancracio

A Luz da nova era,
Vade mecum do gosto, ou Guia de escriptores.

D. Theodora

Que precioso achado!

D. Laura

E quantos subscriptores
nos não vae grangear!

D. Andreza

Á porta do jornal
será preciso pôr guarda municipal!

D. Theodora

Ora o senhor Pancracio! isto é a Providencia
que nol-o deparou.

D. Laura

N'um pego de sciencia
quem póde dar em seco?

Pancracio

Accendo luz tamanha
a quem tente escrever, que enterro essa Allemanha.

D. Theodora

Não poderia já dar-nos um ante-gosto
do seu livro immortal?

Pancracio

Pois não! co'o maior gosto.
Logo na introducção, fallando da clareza,
provo ser ella um vicio opposto á natureza.
Quem decifra o Universo? o auctor que é divindade.
O ceo? eu mesmo? o abysmo? em tudo escuridade.
O mais escuro poço é o poço mais profundo.
Eis em que eu do sublime a theoria fundo.

D. Theodora

Bravo!

D. Laura

Optimo!

D. Andreza

Que mais?

Pancracio

Portanto o mais seguro
para um homem ser genio, é ser de todo escuro.
Como é que isto se alcança?

D. Laura

Ai, é verdade: como?
Solveu esse problema?

Pancracio

A esthetica explanou-m'o.

D. Laura

Diga; diga depressa.

D. Andreza

Isto é que é homem raro!

D. Theodora

D'esta vez (sem exemplo) esforce-se em ser claro.

Pancracio

Ahi vae: antes de tudo, é nunca entrar no ponto
sem vir de muito longe. Exemplo: do Hellesponto
para chegar a Alhandra; e sempre bordejando
ora ao norte, ora ao sul; que se não saiba se ando
se desando; se a bordo ha bussola ou roteiro,
ou se viajo ao som do vento em mar banzeiro.

D. Theodora

Approvo, sim senhor. Em celebres francezes,
filosofos mórmente, ha d'isso immensas vezes.

Pancracio

Ha-o hoje em toda a parte. O auctor assim não sua:

faz um livro de nada, e toda a terra é sua.
D'um cahos sae um mundo, esta desordem bella!

D. Theodora

Caspité!

Pancracio

Vêde a mestra, a natureza; e d'ella
tomae o exemplo e a norma: um cão! segue o caminho
mais direito e mais curto? é sempre com o focinho
á tôa, a farejar; salta de lado a lado;
extravia-se; torna; anda centuplicado!
e até para dormir, as voltas que não dá
primeiro que se estenda! Então, provado está,
que a mestra universal odeia a linha recta.
Prosador! segue o cão! Imita o cão, poeta!
Um cão é da natura um filho não corrupto.
Gloria a quem se conforma ás normas de tal bruto!

D. Theodora

Não ha que lhe objectar.

Pancracio

Tambem quanto á linguagem
mostrei que a boa boa, é toda e sempre imagem.
Dizer naturalmente as coisas como são
não é de engenho culto. O bello é a translação
constante do moral ao physico, e do physico
ao esthetico e ideal, ao sonho e ao methaphysico.
Alegria, tristeza, amores, odio, tudo

se ha de dar em pintura e estylo o mais agudo;
por modo que o leitor, um Edipo completo,
só a poder de estudo extraia o que ha de affecto
sumido nos paineis da immensa galeria.
Logogrifo continuo, essencia da poesia;
da poesia, e da prosa altiloqua e discreta,
que eu não separo já prosaico de poeta.
Com isto (e custa pouco) a phrase é cambiante,
vistosa, alta, confusa, energica, e brilhante.
Logo (aqui para nós) será mui bom serviço
proscrevermos no uso o natural sediço,
a plebeia clareza; em summa: a arte sem arte
de muito escrevedor com fama em toda a parte,
mas usurpada fama. Em publico não quero,
nem os devo apontar: mas, quem atura Homero?
(fallemos com franqueza) ou Virgilio? ou Vieira?
Bernardes? Fénelon? Camões?

D. Andreza (a medo)

Bento Pereira...

Pancracio (continuando)

Pois aquillo é poesia? ou prosa?... sempre claros,
chãos até no sublime, e de mosaico avaros!
Outra coisa tambem que importa immenso brilho
é a anthitese; adoro, adoro o trocadilho.
Vejam a natureza; ella tambem o adora:
que são a terra e o mar? que são occaso e aurora?
mulher e homem que são? que são os paes e os filhos?
que são as estações!... em tudo trocadilhos.

Já em pequerruchinho eu sempre em casa andava:
a fava papa a pêga e a pêga papa a fava.
Estas leis do bom gosto, agora, felizmente,
já vão caindo em graça a muita e boa gente.
Co'o meu tratado pois, ainda em nossa vida
espero se desbanque a «Phenix Renascida.»

SCENA III

Os mesmos e ISIDRO (apparecendo á porta da direita)

Isidro (a Pancracio)

Meu senhor! está ali á porta outro senhor
que deseja fallar-lhe.

Pancracio

A mim? quem é?
(para D. Theodora) se for
o sabio que eu lhes disse...
(para Isidro) Elle como é?

Isidro

Feanchão;
fato preto; e um fallar assim de mansarrão.

Pancracio (levantando-se)

Não ha duvida; é elle, o sabio meu amigo,
que ambicionou...

D. Theodora

Já disse o que de novo digo:
sendo elle tal, e tal a mão que o apresenta
dá-nos honra e prazer.

Pancracio

Mil graças, presidenta.
(Sae pela direita com Isidro para receber a visita)

SCENA IV

As mesmas, menos PANCRACIO e ISIDRO

D. Theodora

Quem m'o dera já ver!

D. Andreza

Já dois sabios; que bom!

D. Laura

Vae-se a casa, mamã, tornando um Pantheon.

D. Theodora

Devemos-lhe fazer condigno acolhimento
com uma salva real de ditos de talento.

D. Laura

Como a nimpha Calypso o fez de certo a Ulysses.

D. Theodora

A mana, caladinha! Escusam-se tolices.
Perdoe-me a advertencia; a mana é sabia, ás vezes,
mas ás vezes tambem diz coisas de entremezes.

D. Andreza (despeitada)

Merci!
(á parte) *Tu quoque bruta!*

D. Theodora (para D. Henriqueta que vae para se ausentar)

Olá! deixe-se estar.
Inda não me entendeu que temos que tratar?

D. Henriqueta

Sobre quê, minha mãe?

D. Theodora

Em breve o saberá!

SCENA V

As mesmas, PANCRACIO e HONORATO (entrando da direita)

Pancracio (apresentando Honorato)

O senhor Honorato Honorio Paes de Sá,
que tanto ambicionava o ser-lhes presentado.
Disse-lhes d'elle immenso; encontrarão dobrado.

D. Theodora

O illustre introductor por nós tão conhecido
de sobejo afiança os dons do introduzido.

Pancracio

Tudo que nos ficou da sabia antiguidade,
armazenou-se ali. Ninguem n'esta cidade
sabe o grego como elle.

D. Theodora

O grego! a inveja minha!
o grego, mana! o grego!

D. Andreza (para D. Laura)

O grego! ouvio, sobrinha?
o grego!

D. Laura

O grego! oh! ceos! que delicioso emprego!

D. Theodora

Devéras! o senhor sabe realmente o grego?
Ainda que estivesse aqui o meu Gonçalo,
só pelo amor do grego havia de abraçal-o.

(Honorato depois de ter abraçado a D. Theodora, a D. Andreza e D. Laura, vae, de abraço feito, para D. Henriqueta)

D. Henriqueta (recuando)

Eu não sei grego.

Isidro (trazendo mais uma cadeira)

Ahi está mais uma carda.

D. Theodora (indicando a Honorato a cadeira em que estivera Pancracio)

Quero
que hoje a cella curul pertença ao luzo Homero.

(Sentam-se em semi-circulo. Honorato na cadeira de braços da presidencia; á sua direita D. Theodora e D. Laura; á esquerda D. Andreza, D. Henriqueta e Pancracio)

D. Theodora

Tenho ao grego um respeito! o grego é-me tão grato,

que inda eu hei de ir á Grecia (agora, não; pois trato
de concluir primeiro outra viagemzita.)

Pancracio (para D. Theodora e D. Laura, como que em tom de confidencia e sorrindo)

Dois soes que vão fazer á lua uma visita.

D. Theodora (continuando)

Mas hei de ir mal que possa. Entre aquellas ruinas
verei surgir á luz mil sombras de heroinas:
Aspasia, Phrine, Lais, a Daphne do Peneu,
e a bella mãe do Amor filha do mar Egeu.
Ah! se jámais vos piso, oh! praias de alta fama,
voto erguer um altar ao *alpha beta gama*.
Desculpem-me o enthusiasmo!

Honorato

Eu vim, talvez, senhoras,
interromper aqui tarefas creadoras!...
N'esse caso supplico um generoso indulto:
Culpem o meu fervor em vir render-lhes culto.

D. Laura

Como o grego é polido!

D. Andreza

E entende-se!

D. Theodora

Não chego
a comprehender, senhor, receios taes; o grego
interromper a gente! o grego estragar nada!

Pancracio

O senhor Honorato, á sciencia armazenada,
junta o ser escriptor que aposta primasia
co'os de mais nomeada em prosa e em poesia.
Se elle quizesse, agora, em tão douto areopago
recitar qualquer coisa, estou que mui bem pago
ficára com o prazer de damas tão discretas.

Honorato

Um dos grandes senões que eu noto a alguns poetas,
e que por isso evito, é a barbaridade
de se incamparem logo a qualquer sociedade.
Á mesa, nos salões, n'um omnibus, na rua,
ninguem ha de ter voz senão a musa sua,
de versos de estafar leitora infatigavel.
Nada ha cá para mim tão parvo e abominavel,
como andar um auctor, vergonha dos auctores,
sempre de porta em porta a mendigar louvores!...
nem que as lucubrações de que elle anda esquentado,
lh'as devesse pagar o proximo, coitado!
Nunca eu tal pratiquei; por mais seguro, sigo
o que aos sabios prégava um sabio grego antigo:
Compor muito, e ler pouco. Apenas aqui tenho
uns versitos que fiz, coisa de pouco engenho.

Pancracio

Versitos! versos seus são sempre de mão cheia!
ninguem os faz tão bons!

Honorato

Esplendorosa veia,
a dos seus, meu amigo! Em qualquer tom que sejam,
Venus, Graças e Amor parece lh'os bafejam.

Pancracio

Acho-lhe sempre o estylo altiloquo e poetico!

Honorato

E eu sempre no senhor o ethico e o pathetico.

Pancracio

Nos carmes pastoris, na egloga e no idyllio,
deixa muito após si Theocrito e Virgilio.

Honorato

Qual! no mimo e na furia, a musa de Pancracio
é quem se póde rir de Pindaro e de Horacio.

Pancracio

Madrigaes como os seus! aquillo é que são mimos!

Honorato

Sonetos como os seus! onde é que eguaes os vimos?

Pancracio

Nos rondós que elle faz rescende Anacreonte!

Honorato

Nos epigrammas d'elle oiço a Castalia fonte!

Pancracio

Então vate gigante e enorme, nas balladas!

Honorato

Lá então sem rival em chiste, nas charadas!

Pancracio

Se a patria bem soubera o que em tal filho tem...

Honorato

Se o valor de homem tal se apreciára bem...

Pancracio

Não punha o pé no chão: voava em coche d'oiro!

Honorato

Já tinha estatua em pé, sob um docel de loiro!
(para Pancracio)
O que vou recitar, e peço me prometta...

Pancracio

Já viu certo soneto a uma trança preta?

Honorato

Leram-m'o esta manhã.

Pancracio

Sabe-lhe o auctor?

Honorato

Não sei;
sei só que egual miseria ouvir jámais pensei!
Que soneto!

Pancracio

Pois ha quem n'o ache incomparavel.

Honorato

Não duvido; o que affirmo é que era abominavel!
Até eu disse então, e agora aqui repito:

Soneto foi alcunha; a coisa era sonito.
Se o meu confrade o ouviu, ha de me achar razão.

Pancracio

Eu nem muita, nem pouca. A minha opinião
é que o não ha melhor; e em toda a versaria
segundo como aquelle em vão se buscaria.

Honorato

Deus, por sua immortal e infinda caridade,
me livre de os armar d'aquella qualidade!

Pancracio

Pois eu digo, sustento, affirmo-lhe ao senhor,
que é magnifico; e a prova... é que sou eu o auctor!

Honorato

O senhor! que pilheria!

Pancracio

Eu mesmo.

Honorato

Então, não sei
explicar como foi...

Pancracio

Sei eu. Não alcancei
a dita de agradar-lhe.

Honorato

É que não foi bem lido
talvez... ou talvez eu... estava distraído;
porém deixemos isto e oiçamos a ballada!

Pancracio

A ballada hoje em dia, é coisa dessalgada,
bolorenta, sediça!

Honorato

Ha muito boa gente,
que a julga não obstante um genero excellente!

Pancracio

Haverá; eu detesto-a.

Honorato

Ella, é que nem por isso
diminue de valor!

Pancracio

Dos parvos é feitiço.

Honorato

Mas o senhor não gosta.

Pancracio

O senhor julga os mais
por si mesmo, talvez, suppondo-os animaes!
(Levantam-se os dois, e logo após todas as senhoras)

Honorato

Vae-te, escrevinhador! opprobrio até do almaço!

Pancracio

Vae-te, poetastro chôco!

Honorato

Arreda, pegamaço!

Pancracio

Sume-te, ferro velho! adelo da antigalha!

Honorato

Mirra-te, plagiario!

Pancracio

Alvar!

Honorato

Ladrão!

Pancracio

Canalha!

D. Theodora

Meus senhores, que é isto!
(apontando para um livro da bibliotheca)
O seu Virgilio, é prestes
a gritar: tanta furia em animos celestes!

Pancracio. (a Honorato)

Vae-te restituir aos gregos e aos latinos
o que lhes tens bifado.

Honorato

E tu, meu valdevinos,
vae-te disciplinar aos pés do pobre Horacio,
pelo teres delido em calda de Pancracio!

Pancracio

Já achaste editor? quem é o bibliopóla?

Honorato

Não ha de ser o teu, que anda a pedir esmola.

Pancracio

Na altura em que estou já, não fazem echo os zurros!

Honorato

Quem eu te quero á perna é o padre auctor dos *Burros!*

Pancracio

Sim, que elle a ti poupou-te!

Honorato

Em mim só de raspão
bateu, e uma só vez. Tu és seu malha-pão.

Pancracio

É que a mim tem-me inveja, e o dar-me sem repouso
bem prova que jámais se crê victorioso;
em quanto lá em ti, oraculo dos zotes,
era luxo de mais pregar dois piparotes.

Honorato

Não tem duvida, não; conta co'a minha penna.

Pancracio

Lá verás quem n'um sopro as azas te depenna,
meu ganço de paul.

Honorato

Desafio-te em prosa,
verso, grego, e latim.

Pancracio

Bom! Conta-me co'a toza.
(Sae Honorato arrebatadamente)

SCENA VI

Os mesmos menos HONORATO (que saiu pela direita)

Pancracio

Á nossa presidenta, e ás minhas socias, peço
se dignem perdoar-me o intempestivo excesso.
Não pude em mim ter mão, vendo se desfazia
no applauso que o soneto achou na academia!

D. Theodora

Inda os hei de tornar amigos como d'antes.
Deus nos livre de guerra entre homens tão gigantes!
Mas agora, outro assumpto. Escute-me, Henriqueta,
co'a devida attenção. Não sei que mau planeta
quando eu a concebi, reinava nas alturas:
cuidei que a dava á luz, e errei: anda ás escuras.
Isto a mim que sou mãe, consome-me a valer
quer por si, quer por mim. Que hão de de nós dizer

vendo-a tão ignorante?! e de razão tão pouca,
que entre sabios não abre a bem nem mal a bocca?!
Mas descobri ao cabo, após muita vigilia,
sabão moral que lave a nodoa da familia.

D. Henriqueta

Não se cance, mamã. Fico-lhe agradecida;
mas sciencia, dispenso; acho isto melhor vida
que viver a scismar a ver se achar se póde
algum dito subtil, que raramente acode!
Custa muito e dá pouco! A mim nem me convinha
ser sabia. O estudo rala, e engorda o ser brutinha!

D. Theodora

Brutinha! e minha filha! é coisa que se admitta!
é circulo quadrado, e antithese que irrita!
Não quero! não consinto! ha de me ser discreta,
quer lhe agrade quer não. Prosaica ou poeta,
isso deixo-lhe á escolha. A ser macho dir-lhe-hia:
armas ou lettras; femea, ou prosa ou poesia.
Digo como o soneto: *eu tenho resoluto!*
Ha de ser! não tolero a sangue meu ser bruto!
Cuida que a formosura é só por si bastante!
O mais formoso rosto é rosa de um instante!
e a borboleta d'hoje ha de amanhã ser verme.
O ser pulchra, é por dentro, e não pela epiderme.
Ora pois minha filha: o maternal disvelo
vae dar-lhe um elixir que a torne o ser mais bello!

D. Henriqueta

Um elixir!

D. Theodora

Moral! um optimo elixir!

D. Henriqueta

Sim?! o que é! de que é feito? e d'onde o mandou vir?

D. Theodora

Consta do amor do estudo!...

D. Henriqueta (com tom desconsolado)

Ah! sim! do amor do estudo?
essa droga é custosa!

D. Theodora

Ainda não é tudo...

D. Andreza

Está visto: requer outros ingurdientes!

D. Theodora

Lidar com gente sabia e livros excellentes,
ancia de gloria, et cætra. Ora tudo isto agora
temos nós muito á mão sem mandar vir de fóra!

D. Henriqueta

Sim? tudo isso?

D. Theodora

Por certo, e da primeira sorte.
Cifra-se em receber Pancracio por consorte;
não é preciso mais: da sua convivencia
lhe ha de vir gosto ao ler, brilho, esplendor, sciencia.

D. Henriqueta

A mamã falla serio? isso não é comigo,
não?

D. Theodora

É, sim; e ha de ser assim como lh'o digo.
Faça-se agora tola!!

D. Andreza

Estou a adivinhar
nos olhos, na mudez, no enleio, e no pasmar
d'este pobre senhor, o mal que o apoquenta!
Nutre ha muito por mim uma paixão violenta
que eu mui bem percebi, sem que elle m'o dissesse.
Vendo pois ser diversa a mão que se lhe off'rece,
não atina resposta. (Para Pancracio) Anime-se, alma de anjo!
Case, homem pudibundo! estimo o seu arranjo!

(Sae, deixando a todos como que pasmados e a seguil-a com os olhos)

SCENA VII

Os mesmos menos D. ANDREZA (que saiu pela esquerda)

Pancracio (para D. Henriqueta, depois de alguns momentos de silencio geral)

Mal lhe posso expressar o excesso de alegria
que por dentro me vae! Quem tal me prediria!
esposo de Henriqueta!

D. Henriqueta

Inda não; devagar;
não corra assim!

D. Theodora

Que modo é esse de fallar?
olhe que se eu... percebe? escuso mais dizer.
(Para Pancracio) Meu filho! nada tema. Ella ha de obedecer.
Venha comigo.

(Saem de braço dado D. Theodora e Pancracio pela esquerda)

SCENA VIII

D. LAURA e D. HENRIQUETA

D. Laura

Veja a maternal ternura!
que esposo tão illustre!

D. Henriqueta

Inveja-o, por ventura?
Pois tome-o para si.

D. Laura

Quem! eu! usurpadora
de um marido que é seu?!

D. Henriqueta

Se eu d'elle sou senhora,
cedo-lh'o desde já; e devo-lh'o ceder
que é minha irmã mais velha.

D. Laura

E eu, com quanto prazer
o acceitava, se fosse atreita ao casamento!
No platonico amor só faço fundamento.

D. Henriqueta

Se eu fosse como Laura, amiga de pedantes,
quereria a Pancracio.

D. Laura

Ahi torna á birra d'antes.
De gostos não disputo; e só digo afinal,
que obediencia ás mães é dever filial,
e que ha de obedecer-lhe, entende? ou goste ou não,
ha de lhe obedecer.

SCENA IX

Os mesmos, GONÇALO, LEONARDO e JORGE
(entrando juntos da direita)

Gonçalo (para D. Henriqueta, apresentando-lhe Jorge)

Estenda-me essa mão,
e entregue-a, mando eu, a Jorge, ao seu marido,
entendeu-me? ora pois! é caso resolvido.

D. Laura

Para ahi, vae sem custo a mana, olé se vae!

D. Henriqueta

É dever filial a obediencia ao pae.

D. Laura

E á mãe tambem.

Gonçalo

Que é lá? que diz essa doutora?

D. Laura

Digo, que a mãe, talvez, como é tambem senhora,
poderá discordar e preferir...

Gonçalo

Ahi vem
a parteira do Nuncio; aquillo é outra mãe.
Vá lá filosofar com ella, delambida;
não queira com seu pae ser Maria Sabida!
Vá-se, e diga-lhe a ella, e que sou eu que o digo:
que eu sou rei, não me azoe, e metta-se comsigo.

(Vae-se D. Laura pela esquerda)

SCENA X

Os mesmos menos D. LAURA

Leonardo

Agora, sim senhor.

Jorge

Que fausta sorte a minha!

Gonçalo (a Jorge)

Vamos! presente o braço á sua mulherzinha;
vão-se para o piano ensaiar o dueto,
que eu já lá vou ouvir-lh'o.

(Saem de braço dado Jorge e D. Henriqueta pela esquerda)

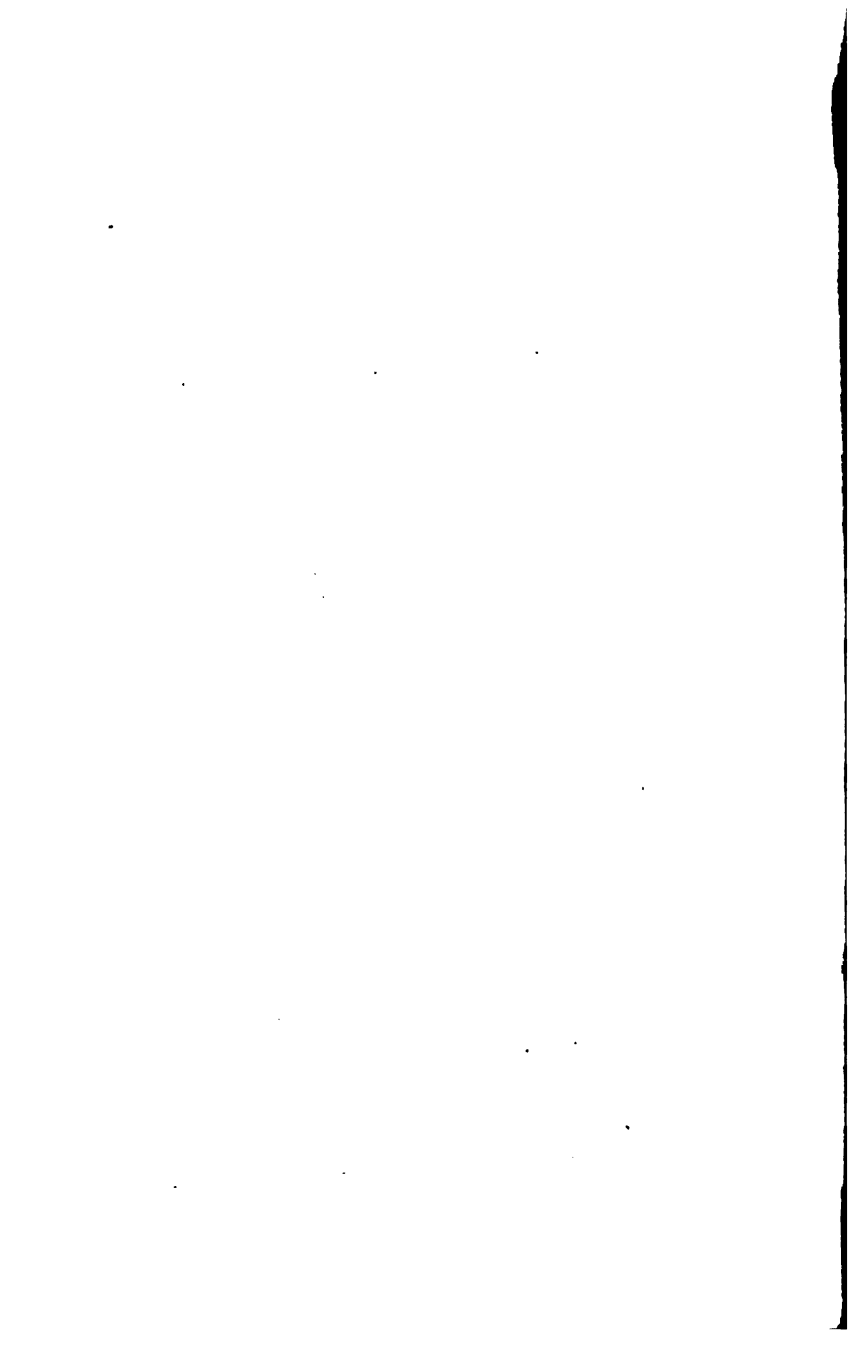
SCENA XI

GONÇALO e LEONARDO

Gonçalo (continuando com ar satisfeito e commovido)

Ho il ciel d'amor nel petto!
como ella e elle agora hão de cantar aquillo!
e eu por dentro em voz baixa, amigo, a repetil-o.
Cantei-o tanta vez em Roma co'a princeza!
Bons tempos. Veja então, se devo achar *dolcezza*
vendo a minha Henriqueta e o nosso Jorge, agora
no mesmo enlevo d'alma em que eu me vi outr'ora.

FIM DO ACTO III

ACTO IV

A mesma sala do primeiro e do segundo

SCENA I

D. THEODORA e D. LAURA

D. Theodora

Custa-me a acreditar!

D. Laura

Pois foi tal qual. Se visse
como acceitou a escolha assim que o pae lh'a disse!...
pareceu mesmo acinte, e um declarar calada
que nisto para ella a mãe valia nada.

D. Theodora

Deixe; eu lhe ensinarei se me ha de obedecer;
veremos quem na filha exerce mais poder:
se o pae, se a mãe. Beócia! estupida! idiota,
que ignora o que eu provei nos codigos em nota:
que as filhas são das mães por jus da natureza,
e mil outras razões!

D. Laura

Lá isso com certeza!

D. Theodora

E que os paes, não são mais que... simplesmente paes,
uns entes d'outra especie, uns brutos, nada mais.

D. Laura

É claro. E nem sequer uma attenção primeiro
com quem a procreou! Gósto do cavalheiro!
vir sem tir'te nem guar'te...

D. Theodora (em tom de censura, mas sem azedume)

É baixo estylo.

D. Laura

Eu acho
que para fallar d'elle é proprio o estylo baixo.
Emfim, vir de chapuz...

D. Theodora (como acima)

Tambem não é polido,
porém vá!

D. Laura

Incutir-se á força por marido
da filha, sem saber se a genitriz o approva!

D. Theodora

Lembranças de teu pae! jurisprudencia nova!
mas verá que se engana. Eu sou o impedimento
em que ha de naufragar-lhe o ideado casamento.

D. Laura

Faz muitissimo bem.

D. Theodora

Eu ter um genro imposto!!
Quando elle te queria, achava-o do meu gosto,
que elle feio não é; quero dizer: achava
o seu physico bom; mas alma tosca e brava
sempre lh'a conheci. Sabendo optimamente
que eu vivo a escrevinhar (e sabe-o toda a gente)
nem uma vez, que é uma, aquella bruta alminha
me pediu que lhe lesse alguma coisa minha!

SCENA II

As mesmas e JORGE (que entrou da direita sem ser presentido e pára a escutar)

D. Laura

Se eu fosse a minha mãe, nem a bem nem a mal
deixava que a Henriqueta esposasse o animal.
Isto em mim não é odio, ou zelo, ou sentimento
de Ariadne abandonada. Ausenta-se um, vem cento.
Grande joia que eu perco! O parvo cuidaria
que eu era como a Sapho, e a Leucade corria?
pois não! graças a Deus, philosopha já sou,
e a Democrito imito; o que só me irritou
foi ver ludibriada a sua dignidade,
minha mãe! ver que a põe na atroz necessidade
de ostentar-se furiosa, e oppor-se áquelle amor.

D. Theodora

E hei de oppor-me.

D. Laura

E fará mui bem de se lhe oppor.
Jorge, aqui para nós, em quê, ou como, ou quando,
mostrou nunca apreciar-lhe o vulto venerando?
minha mãe para elle era um ente vulgar.

D. Theodora

Toleirão!

D. Laura

Toda a gente a vil-a venerar...
e o senhor, nem palavra!

D. Theodora

Alarve!

D. Laura

Se lhe eu lia
versos de minha mãe, calava-se e sorria!

D. Theodora

Atrevido!

D. Laura

Chegou até (mais de uma vez)
a fazer-me perder de todo a placidez!

Jorge (a D. Laura)

Devagar, por favor! ao menos caridade!
Á falta de melindre invoco a urbanidade!
Fiz-lhe algum mal jámais! não é summa injustiça
o gratuito furor com que em meu damno atiça
a má vontade, o odio, a sede de vingança
na que póde estorvar-me a bemaventurança?
Se tem de que me acuse, exponha-o francamente
agora ante a juiza, estando o reo presente!

D. Laura

Ah! quer dar a entender que eu fallo por despeito?
E se houvesse rancor deveras neste peito
seria sem motivo? entende o cavalheiro
que é licito zombar da que se amou primeiro?
Á dama que ara teve, e nella foi servida,
não se ha de immolar tudo, até a propria vida?
Discorre como um sabio! ha gloria, ha gosto, ha nada,
como ser a mulher por outra postergada?
Sabe o que eu só lhe digo? é que um vil desleal,
um voluvel no amor, é um monstro no moral.

Jorge

Desleal! Quer que a deixe, eu cumpro-lhe a vontade,
e agora a obediencia alcunha-a deslealdade!
Dois annos a adorei! (recorde-se) dois annos,
curtindo fiel sempre os trances mais tyrannos!
ella rindo, eu chorando! Era mister que um dia,
ou por ella, ou por mim, findasse tal porfia!
por ella não findava; arranquei-me eu. Quem pois
tem jus para exprobrar? pergunto: qual dos dois?

D. Laura

Qual? eu. Já que me obriga, e já que tudo ignora,
oiça-me e aprenda; é força abrir-lhe esta alma agora.
Do amor que ás mentes falla e prende os corações,
sempre eu fui partidaria; admitto adorações,
puras, angelicaes, sem sombra de baixeza;

deixo aos irracionaes a bruta natureza.
Prezo-me de ser Laura. O vate de Vauclusa
via em Laura a mulher? via sómente a musa.
Jorge não foi assim, pois, fisico e terrestre;
tinha, em vez de Petrarcha, Ovidio por seu mestre;
e entendendo a seu modo a união que projectava,
já na deusa actual previa a abjecta escrava.
Do platonico amor jámais lhe entrou a idéa.

Jorge

Jámais. Quero mulher; não busco Dulcinea.
Respeito o seu ideal, senhora; acho-o sublime,
sem bem o comprehender; no entanto não é crime
o ter eu, como tem o resto do universo
em pontos de consorcio um credo mui diverso.
Já vê...

D. Laura

Mas a razão! mas a philosophia!
mas um forte querer mudal-o não podia?

Jorge

Não; nunca!

D. Laura

É pois fatal, fatal como o organismo,
e invencivel, o horror que sente ao platonismo?

Jorge

Sem duvida!

D. Laura

Pois bem. Então sou eu quem cede;
e se a minha mamã licença me concede,
resigno-me a casar como essa gente em prosa.

Jorge

Beijo-lhe as mãos, senhora; é mais que generosa,
mas recuso.

D. Laura

Recusa!

Jorge

É graça, mas tardia;
não posso já gozal-a. O que se não diria
contra mim, com razão, a eu trocar, senhora,
pela minha assassina, a minha salvadora?!!

D. Theodora

E se eu não lhe approvar o seu actual afecto?
se ácerca de Henriqueta houver outro projecto?
se estiver por sua mãe a outrem promettida?

Jorge

A Pancracio talvez?...

D. Theodora

Talvez.

Jorge

Talvez?!

D. Theodora

Duvída?
Pois póde acreditar.

Jorge

Por quem é, não exponha
sua filha a tal morte e a mim a tal vergonha!
Pancracio meu rival! Pancracio esposo d'ella!
Mil nescios hoje em dia alcançam clientella
com o impor de saber; e este, por mais que arrote,
na opinião geral nunca passou de um zote,
nem jámais passará, graças aos seus escriptos,
indigestos, sem sal, roubados, esquizitos,
vergonhosos até para a mulher mais leiga,
e mortalha usual do arroz e da manteiga.
Não chego a comprehender como um sandeu dest'arte
aqui se haja por lince, e onagro em toda a parte!

D. Theodora

É que nós vemos claro, e ha myopia estranha
que nem sequer percebe um vulto de montanha...

Jorge

Que dá ratos á luz!

SCENA III

Os mesmos e PANCRACIO (que vem da direita)

Pancracio (a D. Theodora)

Tremenda novidade!

D. Theodora

Que é?

D. Laura

Que foi?

Pancracio

Já passou.

D. Theodora

Mas falle, por piedade!
explique-se!

Pancracio

Esta noite, em quanto os sublunares
eramos de Morpheo na paz dos nossos lares...
escapámos de boa!

D. Theodora

Algum tremor de terra?

Pancracio

Peor! muito peor!

D. Theodora

Não vê que nos aterra?
abrevie, conclua!

Pancracio

Animem-se! Um cometa
pertencente ao systema em que anda este planeta,
passou de escantilhão tão perto ao nosso globo...
que por um triz não fez como ao cordeiro o lobo.

D. Theodora

Absorver-nos!

Pancracio

Pois quê! Ou numa rabanada
da cauda, dissipar tudo isto em fumo, em nada.
Respirem; já lá vae, e vae bem longe o bruto!

D. Theodora

Sim?

Pancracio

Corre cem milhões de leguas por minuto.
Calculando nós pois a cem milhões de leguas...

D. Theodora

A calculos agora é bom que dêmos treguas.

Aquelle cavalheiro odeia, por prudencia,
qualquer conversação de engenho ou de sciencia.
O antipoda da luz é lá d'outro hemisferio.

Jorge

Perdão, minha senhora; a fallar franco e serio,
eu dou culto ao saber, aos genios e ao talento;
o que porém me indigna, o que porém lamento,
é que andem pelo mundo applausos usurpando
talentos, genios vãos, saber de contrabando.
Antes nunca sair do rol dos ignorantes,
que o ser sutil e douto, á laia de uns pedantes
que eu tenho visto e vejo...

Pancracio

A minha opinião
é, se me dá licença...

Jorge

Ai, toda, e porque não?

Pancracio

É que a sciencia em tudo e sempre é bem cabida.

Jorge

E eu tenho para mim que essa arvore da vida
plantada em chavascal, em tudo improprio d'ella,
póde degenerar até em mancinella.

Pancracio

Como?

Jorge

Quer que nos *is* ponha os pontos? Vou pôl-os:
a sciencia bastarda é a mãe dos grandes tolos;
entende?

Pancracio

Paradoxo!

Jorge

Acha a theoria nova?
Eu, sem ser talentão posso provar-lh'a.

Pancracio

A prova
talvez seja custosa.

Jorge

A prova da theoria,
a pratica a apresenta em sabios d'hoje em dia.

Pancracio

Não sei se apontaria exemplos concludentes.

Jorge

Olé! dos de mão cheia. E tenho-os tão presentes!...

Pancracio

Eu cá inda os não vi.

Jorge

Vi eu.

Pancracio

Mas sem refolhos,
onde estão?

Jorge

Não mui longe; até lhes dou co'os olhos.

Pancracio

E eu a ter para mim que os tolos de excellencia
provinham da ignorancia e nunca da sciencia!

Jorge

Pois nada: um tolo sabio (affirmo-lhe, e é constante)
é mais tolo, a dobrar, do que um tolo ignorante.

Pancracio

Para mim, ignorante e tolo tudo é um;
synonimos até no estylo mais commum.

Jorge

Se a synonimia prova, o uso (e não se espante)
diz tolo e toleirão para exprimir pedante.

Pancracio

No inscio a parvolez mostra-se inteira e nua.

Jorge

E co'o ler, o pedante inda acrescenta a sua.

Pancracio

Saber, sempre é saber!

Jorge

No fatuo degenera!

Pancracio

Respeita-se.

Jorge

Ou faz rir.

Pancracio

É aguia.

Jorge

Ou besta-fera.

Pancracio

Bem; odeia a sciencia.

Jorge

Odeio-a, e faz-me entejo
sempre que em sabichões de certa especie a vejo.

Pancracio

Sabichões, que talvez por seus talentos raros,
valha mais cada um que trinta mil ignaros.

Jorge

Presumpção e agua benta...

D. Theodora (a Jorge)

Eu julgo...

Jorge (sorrindo)

Oh! por favor!
Se entra Pallas na liça, as armas vou depor.
Já com este adversario eu suo na contenda;
que será, quando agora uma égide o defenda!
É desegual, cruel, injusto, e pouco bello,
vir homerica deusa influir neste duello.
Creio que o seu Horacio ate prohibiu, senhora,
(salvo em summa afflicção) deidade interventora.

D. Laura

Mas nunca prohibiu pôr termo a respostadas,
como as settas da Parthia infamemente hervadas.

Jorge

Segunda?! eu vou fugir.

D. Theodora

No campo litterario
não se ostenta o valor, mordendo no adversario.

Jorge

Se acudissem a um fraco, era glorioso ás damas;
mas ao grande Pancracio, o ouriço de epigrammas!...
o satyrico mór!... lá critico, não digo;
nas criticas tem elle isso de bom comsigo:
chovem-lhe ás mil e mil e nunca lhes retruca.

D. Theodora

Quando ouve a Philisteus Samsão é que embatuca.

Pancracio

Da sã filosofia é filha a tolerancia.
O senhor consagrou-se á causa da ignorancia;
defende-a, faz mui bem. Não ha que se lhe diga.

Jorge

Não defendo a ignorancia; ahi torna a mesma briga!
Contra a sciencia falsa, o gosto derrancado,

a impostura insolente, é que eu levanto o brado,
eu, minima porção do numero crescido,
que ha, houve, e ha de haver sempre honesto e esclarecido,
ás boas tradições exercito fiel,
que não cede o oiro fino a troco do oiropel,
que pesa, mede, conta, e nada crê sem provas;
gente que não quer ver c'rôas de minas novas
na fronte da mãe patria, em vez dos mil brilhantes
que inda a podem lustrar como a lustravam d'antes.
É contra esses chatins de talcos e avelorios,
não é contra a sciencia, é contra os palavrorios,
e não contra o saber, que em alta voz bradamos.
Se querem ter laureis, tragam da venda os ramos.
Percebeu-me afinal?

Pancracio

Percebo optimamente;
sei como a inveja rala a essa pobre gente.

Jorge

A inveja! é sempre aquelle o epilogo e estribilho!
Não ha n'aquella feira um tuno, um rôto, um pilho,
que a si se não supponha um Papa na cadeira,
e não impute á inveja a universal cegueira,
que inda o traz a esperar palacios e obeliscos,
e nem n'um livro seu poz nunca os olhos piscos!
Contra a inveja e ignorancia o que só os consola
é que Homero, e Camões, tambem pedia esmola.

D. Theodora

Que eloquencia! que fogo! está-se vendo a musa

que lhe inspira a verrina e lhe careia escusa:
é a rivalidade, o amor commum entre ambos.
Foi a raiva a que armou a Archiloco em seus jambos,
como bem disse Horacio, Horacio, o meu profundo,
que deu textos de molde a tudo que ha no mundo.

SCENA IV

Os mesmos e JULIÃO (que vem da direita)

Julião (com livros e uma carta)

Saberão-me dizer?...

D. Theodora (á parte)

Que rude!

Julião

Se aqui mora
Theadora?...

D. Laura

Dobre a lingua.

Julião

A senhora Theadora?

D. Laura

Dona.

Julião

Pois dona. Asseste, ou não asseste aqui?

D. Theodora

Sou eu.

Julião

Então perdôe; bem vê que eu nunca a vi...
Passasse muito bem; pois quem me manda cá
é o senhor Honorato Honorio Paes de Sá.

Pancracio (em tom de escarneo)

Ah! o sabio?!

Julião

Um sabão; que eu não entendo d'isso,
mas toda a gente o diz. Eu faço-lhe o serviço
de ir co'as provas á imprensa e distribuir-lhe as obras;
cosinhar-lhe, se ha quê, depois rapar-lhe as sobras.
Casa farta não é; mas é bem bom patrão!
Diz que inda esta manhã teve elle uma questão,
(cuido que foi cá mesmo) ahi com um tal pateta,
que diz que tem tambem fumaças de poeta,
e esteve vae não vae para quebrar-lhe as trombas.

Pancracio

Ah! sim?

Julião

Mas afinal, pregou-lhe quatro bombas,

que o fizeram zenir, mas nem lhe pôz um dedo;
é bom homem, isso é!

Pancracio

E esse asno, esse enchovedo...

D. Theodora

a que te mandou cá?

Julião

Trazer muitas visitas
á senhora Theadora, e dar-lhe estas lettritas,
e mais isto em mão propria.
(entregando a carta e pondo os livros sobre a mesa)
E diz que é de importancia.

D. Theodora

Tal amo, tal criado: abundas de ignorancia;
e em pontos de curtez és uma taboa raza.
Servos de educação, mandados a uma casa,
portam-se de outro modo: expõem o seu recado
a quem lhes vem á porta, ou famula, ou criado,
e não vem como um cão que a porta achou patente,
de sala em sala entrando, apresentar-se á gente,
e interromper talvez colloquios importantes.

Julião

Não sabia; obrigado, e amigos como d'antes.
Ahi tem a carta. Espero, ou posso-me ir embora?
a resposta lá vae; não vae?

D. Theodora

Não sei por ora;
vou ler.

Julião

É que o patrão deu-me hoje pressa immensa,
que ficava a arranjar, para eu levar á imprensa,
um folheto de surra, e quer depressa impol-o
para arrazar de todo o tal sabio que é tolo.

Pancracio (á parte)

Ai diabo! é comigo!

D. Laura (á parte)

Aquillo é co'o Pancracio

D. Theodora (á parte)

Guerra nada civil da Grecia contra o Lacio!
(alto, lendo a carta)
«Senhora Dona Theodora:
Julgo minha obrigação
declarar-lhe sem prefacio
que deve já já pôr fóra
esse temivel Pancracio,
que não é só papelão.
(representando)
Me herc'le! nunca vi descoco semelhante!

D. Laura

Não leia mais mamã.

Pancracio

Peço-lh'o eu mesmo: avante!
que me importam a mim diterios de um maluco?!
a filomela canta em quanto cuca o cuco.

D. Theodora (continuando a leitura)

«Gaba-se elle á boca cheia
de que recebe uma filha
do senhor Gonçalo André,
por não ser de todo feia,
e porque o dote que pilha
lhe tira do lodo o pé.
Eu á senhora só digo,
que não dê ao tal amigo
sua filha, antes de ler
um poema em que trabalho
sobre a vida do bandalho
em que o hei de derreter!
E em quanto não sae a lume
esse alentado volume,
ahi vão para os folhear,
esse Horacio, esse Catullo,
Marcial, Propercio, e Tibullo,
para ver o que é furtar!
Se ler, como lhe aconselho,
tudo que a lapis vermelho,
marcado com um *L* está,

terá horror a ser sogra
de uma harpia e d'uma ogra.
Assignado: —Paes de Sá.»

(Rasga a carta)

Pancracio, parabens! mil parabens, meu filho!
É sempre quando o sol mais vivo espande o brilho,
que mais zunem tavões, mosquitos e moscardos;
não conseguem trocar-lhe o seu diadema em cardos.
Socegue; ha de esposal-a, e agora até mais cedo.

(Voltando-se para Julião)

Como te chamas tu?

Julião

Quem? eu? Julião Toledo,
para a servir.

D. Theodora

Pois vae, Julião Toledo, já
dizer da minha parte ao senhor Paes de Sá,
que amo o grego, mas amo inda mais a verdade;
que achei o que escreveu cheio de indignidade!

(apontando-lhe os fragmentos da carta)

Que em vez de cercear nem til no plano feito,
por isso mesmo agora hei de apressar-lhe o effeito;
que da rocha Tarpeia onde quiz pôr meu filho
lhe faço Capitolio.

Julião

Olhe, eu, não encarrilho
esse palavriado; e é pena, que é bonito!
acho muito melhor dizer-lh'o por escripto.

D. Theodora (apontando para os livros que elle tinhà posto sobre a mesa)

Leva-lhe os livros, leva, e auzenta-te.
(Julião retoma os livros)

D. Laura

A caminho.

Pancracio (a D. Theodora)

Gratias agimus tibi! (para D. Laura) *Et tibi!*
(Sae pela direita)

Julião (saindo pela direita)

Ora adeusinho!
(á parte) Parece-me esta gente a modo amalucada!
é por Deus não lhe dar para arrumar pancada. (Sae)

SCENA V

Os mesmos menos JULIÃO e PANCRACIO

D. Theodora (para Jorge)

Assigna-se hoje mesmo a escriptura. O senhor,
como intimo da casa ha de fazer favor
de vir ser no contracto uma das testemunhas.

D. Laura (á parte e sorrindo de gaudio)

Poeta não és tu, mas vaes roer as unhas.

D. Theodora (para D. Laura)

Recado ao tabelião para que venha breve.
E avise sua irmã.

D. Laura (apontando para Jorge)

Este senhor que leve
o recado; é melhor; e exhorte-a juntamente,
já que tanto influe n'ella, a ser obediente.

D. Theodora

Nós veremos quem vence. (Vae-se pela esquerda)

SCENA VI

Os mesmos, menos D. THEODORA

D. Laura

É pena o desarranjo
que isto lhe vae fazer, assim como ao seu anjo;
coitados!

Jorge

Não se aflija! espero inda livral-a
d'essa pena cruel que tanto e tanto a rala.

D. Laura

Deus queira, mas duvido.

Jorge

Anime-se; não seja
tão descrente dos bens que tanto nos deseja!

D. Laura

Oxalá!

Jorge

Tenha fé na minha diligencia;
ajude-me e verá.

D. Laura

Com toda a consciencia,
conte comigo.

Jorge

Ai, conto; assim como comigo
póde sempre contar quem é tão nosso amigo.
(Sae D. Laura pela esquerda)

SCENA VII

JORGE, GONÇALO, LEONARDO e D. HENRIQUETA
(que vem da esquerda)

Jorge (a Gonçalo)

Acuda-me, senhor! aliás, estou perdido,
e Henriqueta immolada! A mãe tem decidido
que receba o Pancracio!

Gonçalo

Ai! que mulher! que birra
que tomou por Pancracio, homem da minha embirra!
que lhe achará de bom?

Leonardo

Muitissimo. Até faz

sonetos em latim! D'isso não é capaz
o nosso amigo Jorge.

Jorge

Hoje mesmo o contracto
ha de ser assignado.

Gonçalo

Hoje?!

Leonardo

Hoje?!

Gonçalo

Bem; pois tracto
de os casar hoje mesmo; é ponto resolvido.
Não sou sua mulher, nem ella o meu marido.

Jorge

Até já mandou vir o tabellião.

Gonçalo

Pois sim;
e eu vou-o buscar; eu; não vae ninguem por mim.

Jorge (para D. Henriqueta)

Dona Laura ha de ser (não tarde) a embaixadora,
que a decisão materna intime a esta senhora.

Gonçalo

E eu intimo-lhe já co'o meu poder paterno
que se ha de reunir com Jorge em laço eterno.
Quem manda aqui, sou eu. A mulher fie e coma;
o homem grangeie e reja; assim se diz em Roma.
(para D. Henriqueta)
Nada receies, filha; espera-me; não tardo.
Genro, venha comigo, e ajude-nos, Leonardo.

D. Henriqueta (para Leonardo em voz baixa)

Cautela com meu pae, que não fraqueje... ou morro!

Leonardo

Quem falla de morrer! fia-te no soccorro
que elle ha de achar em mim; hei de, a poder que eu possa,
fazer que o vosso amor seja a ventura vossa.
(Saem Gonçalo e Leonardo pela direita)

SCENA VIII

D. HENRIQUETA e JORGE

Jorge

Fio muito no pae; muitissimo no tio;
mas inda muito mais no teu amor confio,
cara Henriqueta minha.

D. Henriqueta

Hei de ser firme, juro.

Jorge

Que melhor fiador d'um prospero futuro?

D. Henriqueta

E havemos de o colher; ou eu, fugida ao mundo,
irei salvar o amor no claustro mais profundo.
Ou tua, ou só de Deus! Não ha terceiro esposo.

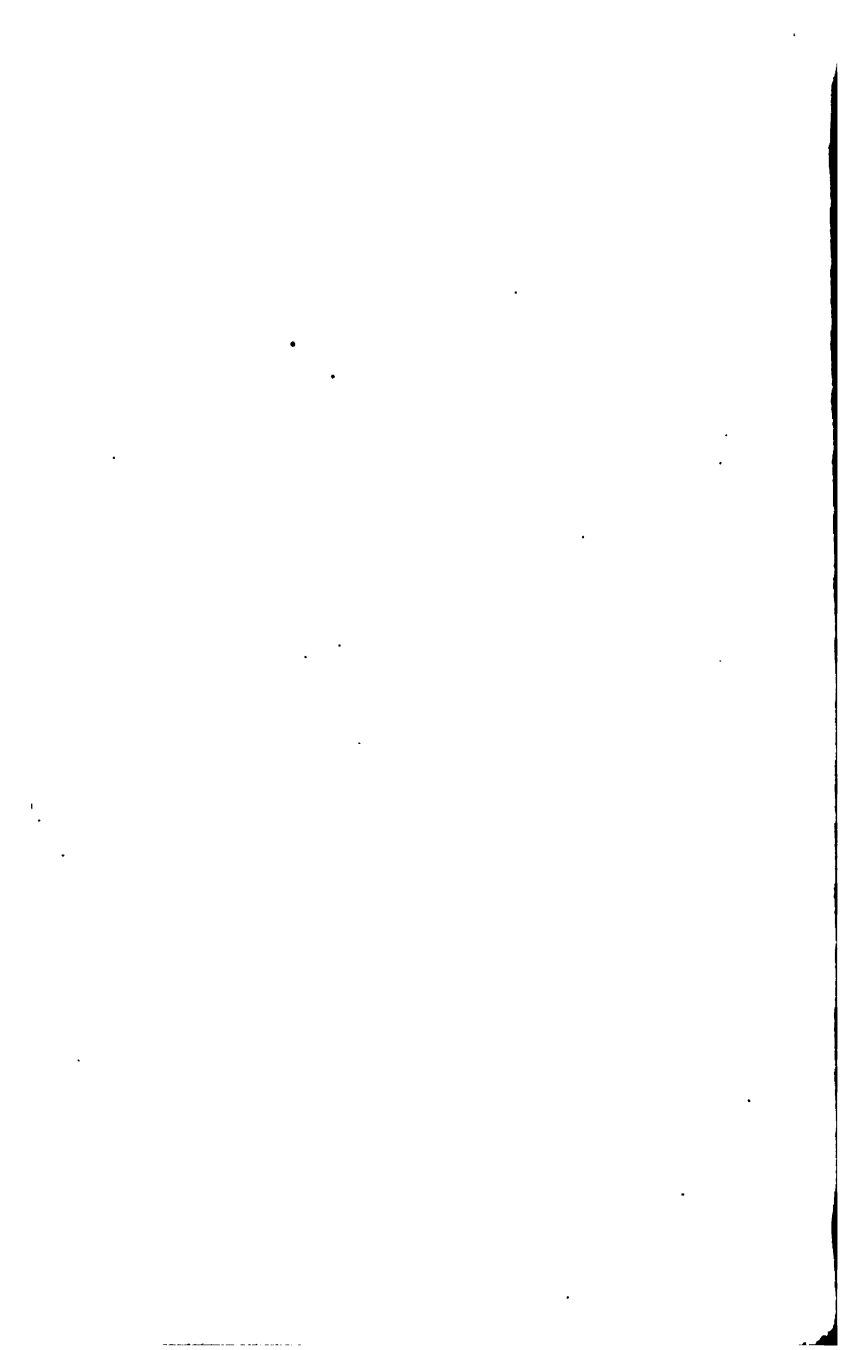
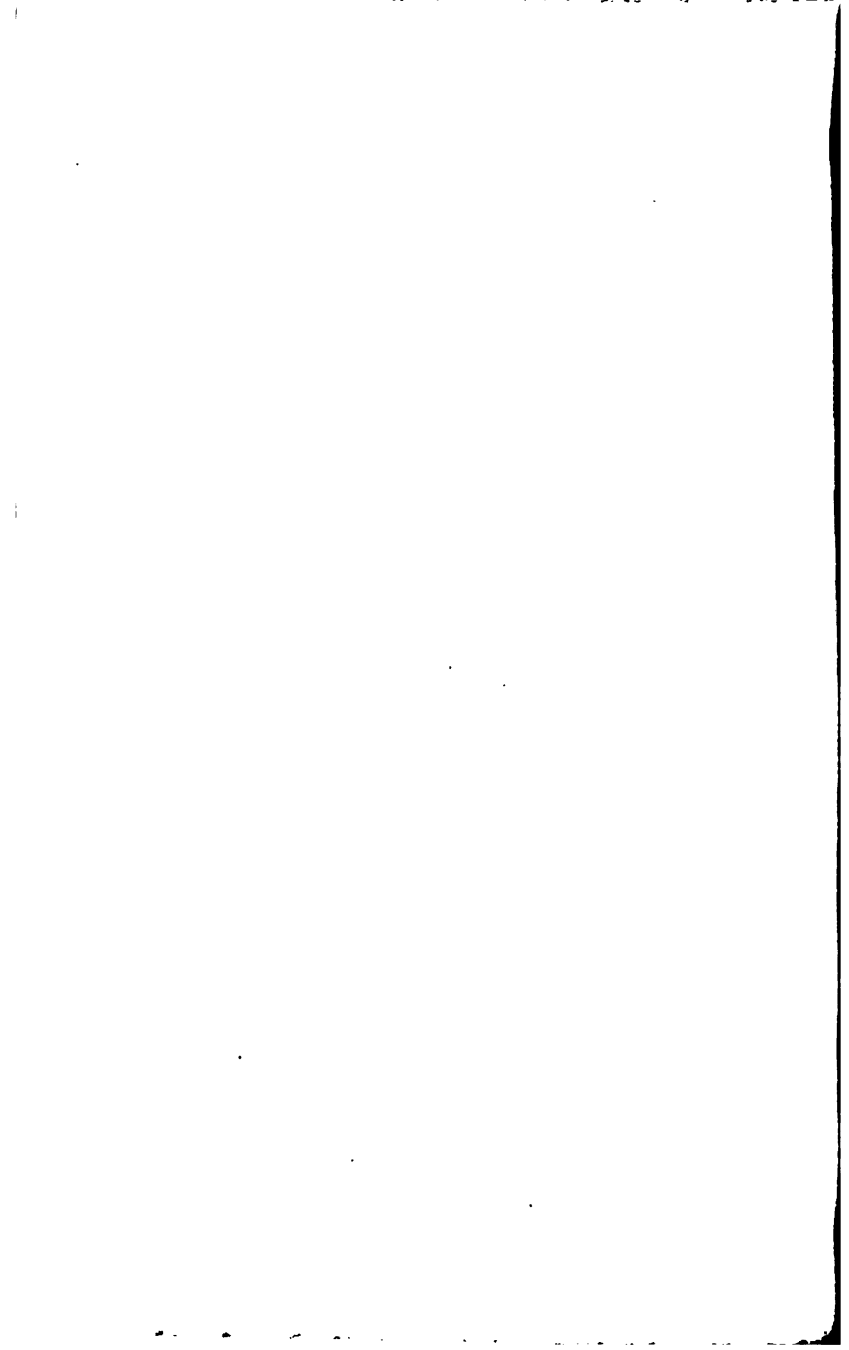
Jorge

Nem Deus por meu rival!

D. Henriqueta

Não meu gentil zeloso.

(Separam-se, indo D. Henriqueta para a esquerda, Jorge para a direita)

FIM DO ACTO IV

ACTO V

A mesma sala do primeiro, segundo e quarto acto. Meza com os aprestes para escripta.

SCENA I

D. HENRIQUETA e PANCRACIO

D. Henriqueta

É preciso fallar sobre esse casamento,
sem que ninguem nos oiça.

Pancracio

Optimamente.

D. Henriqueta

Assento
que este alvoroto em casa, e guerra tão acceza,
só poderão ter fim se houver aqui franqueza.

Pancracio

Que dúvida? o Cornelio até muito elogia
um grego que jámais, nem a zombar, mentia.

Venha pois a verdade, e tudo mais é peta.
Falle; póde fallar, bellissima Henriqueta.
Panis panis, pão pão.

D. Henriqueta

Supponho que imagina
achar, senhor Pancracio, alguma grande mina
obtendo a minha mão; se bem que da opulencia
oiço não fazem caso os poços de sciencia.
Isso é bom para o vulgo, e pouco desafia
a quem sabe viver de sã philosophia.

Pancracio

Certissimo; eu tambem não me ceguei do oiro
que por ventura tenha. O seu melhor thesoiro
consiste para mim na graça e gentileza;
dos dotes fez-lhe o dote a sabia natureza.
(Puxando da algibeira a carteira e fazendo um apontamento)
Madrigal verdadeiro; hei de lh'o pôr em verso,
para a glorificar aos olhos do Universo.

D. Henriqueta

Penhora-me infinito; e sinto não poder
co'o mais profundo amor ao seu corresponder;
mas não posso; amar dois, bem vê, não é possivel;
e eu amo a Jorge. Sei, e a todos é visivel,
quanto vae de um a outro em meritos brilhantes,
em sciencia, prosa, verso, e lindos consoantes;
mas que lhe hei de eu fazer? Sou como a tal Medêa

(que a mamã conheceu, segundo tenho idéa),
que dizia: eu bem vejo, e approvo o que é melhor;
mas que querem? prefiro e sigo o que é peor.
Fiz uma triste escolha; eu propria não o ignoro,
mas agora está feita.

Pancracio

Em vendo o que eu a adoro,
e quanto hei de tornal-a a mais contente esposa,
o proprio coração é que lhe não repousa
sem que venha entregar-se a quem de mil carinhos
lhe tece, afôfa, enflora, o mais feliz dos ninhos.
(Tornando a apontar na carteira)
Tambem é bom, e certo; e dá mais de um soneto.
Já lhe prometto a gloria; olé se lh'a prometto!
Tenho a arte de amar; verá que tambem tenho
arte de ser amado.

D. Henriqueta

Amado o seu engenho,
já o creio; mas agora amal-o por marido
depois que adoro a Jorge (ha de perdoar)... duvído;
ou antes, sei que não.

Pancracio

D'onde houve tal certeza?

D. Henriqueta

Do livro que me ensina as leis da natureza;
o meu unico livro: o coração.

Pancracio

E ignora
que esse auctor mente muito?

D. Henriqueta

A mim nunca até 'gora
fallou senão verdade; ahi está porque o releio
quando ignoro ou duvido; e em nenhum outro creio.

Pancracio

Que lhe disse elle então?

D. Henriqueta

Diz-me a todo o momento
que não sabe o que faz, que cede ao movimento
de um não sei que fatal despotico poder,
que o leva: além, a amar; aqui, a aborrecer.
Lindeza, perfeições, carinho, obsequios, fama,
nada lhe quebra o somno. Adoram-n'o e desama,
ou despresam-n'o e busca; e nunca ingrato ou grato
se lhe deve louvor, censura, nem máu trato,
pois que vae por virtude e lei do seu destino,
por attracção, por força, atonito, sem tino,
como o ferro ao magnete. O coração é flor
que fecha, se tem frio, e se abre ao sol do amor.
Aqui está o que eu sei do pobre coração,
que os homens nos crêem livre, e é pura escravidão.

Não empregue comigo uma inutil violencia.
Ao materno querer sim devo obediencia;
tenho-lh'a, e quero-a ter; mas posso ao coração
ir extorquir um *sim*, que sae por força um *não?*
Quando um homem de bem requesta uma donzella,
por condição admitte a livre annuencia d'ella;
e não vae, pretextando amor, amor ficticio,
fazer d'ella no altar um torpe sacrificio.
Consagre o seu affecto a outra mais ditosa,
e mais digna de obter-lhe a dextra generosa.

Pancracio

Quizera obedecer; mas como? não lhe ouvi
inda ha pouco explicar-me o que se passa aqui?
(indicando o proprio coração)
Amo-a; não por querer, mas por fatalidade.
Amar ou não amar não pende da vontade;
esquecel-a e fugir é coisa impraticavel.
Quer que a desame? quer? cesse de ser amavel.

D. Henriqueta

Deixemos madrigaes. Lá com perlincafuzes
não me sei entender; não sou mulher de luzes.
Um poeta que tem no rol das suas bellas
tanta Anarda e Marilia, Armanias, Lais, Isbellas,
Natercias... que sei eu? em summa: ladainhas
de martyres do amor, dispensa as graças minhas;
e eu dispenso tambem, rival de tantas bellas,
ir furtar grãos de incenso ás Philis e ás Isbellas.

Pancracio

Ás mais, canta-as a musa; a esta, o coração.
Henriqueta é quem reina; as outras côrte são.

D. Henriqueta

Por mercê, por mercê...

Pancracio

Se este fallar a offende,
offendel-a sem fim o meu amor pretende.
(Puxando outra vez a carteira das lembranças)
Optimo, e tambem certo.

D. Henriqueta

Acabe!

Pancracio

Esta paixão
que eu sempre lhe occultei, por nimia adoração,
uma vez que irrompeu...

D. Henriqueta

Podemos virar folha.

Pancracio

Inda não. Se rejeita a maternal escolha,
devo eu n'ella insistir. Chame-me embora louco;
só aspiro a alcançal-a; o como, importa pouco.

D. Henriqueta

Deveras suppõe isso? entende em realidade
que se calca sem risco a alheia liberdade?
que uma filha obrigada a um laço que abomina
se não póde vingar do homem que a assassina?
oh! se póde!

Pancracio

Percebo a que esse dito allude;
mas a philosophia encerra tal virtude,
que o sabio que a professa a tudo está disposto;
nada o faz recuar, nem lhe demuda o rosto.
Desabe todo o ceo, allua-se o universo,
que elle impavido fica em tanto horror submerso;
dil-o Horacio, e diz bem. A nossa paz ou guerra
depende só de nós; o mais que afflige e aterra
as almas vãs do vulgo, a nós faz tanta mossa
como as nuvens ao sol. Temos a luz por nossa.

D. Henriqueta

Pois senhor, não cuidei que o ter philosophia
fosse coisa tão boa!

Pancracio

Isso é.

D. Henriqueta

Quem me diria
que um philosopho tinha em si tal pára-raios!
Visto isso, quer do seu fazer agora ensaios?
pois bem; procure a outra; ha de as achar aos centos,
prestes a coadjuval-o em tão nobres intentos.
Eu por mim, que não sou curiosa de sciencias,
não quero adjectivar-me a taes experiencias.
E adeus, senhor Pancracio; olhe se na carteira
se esquece de pôr esta: é boa e verdadeira.

Pancracio

A verdadeira e boa espere-a na escriptura
que se ha de hoje firmar co'a nossa assignatura.

D. Henriqueta

Veremos.

Pancracio

Vel-o-ha. Vem gente. Vou no emtanto
ali á bibliotheca a ver se desencanto
Dom Francisco Manuel, a *Guia de Casados;*
desejo dar-lh'a a ler.

D. Henriqueta

Não tenho outros cuidados!
Veja se acha em vez d'isso alguma boa guia
de quem se mette freira e infernos renuncia.
(Sae Pancracio pela esquerda)

SCENA II

HENRIQUETA e logo depois GONÇALO, JORGE e MARTINHA

D. Henriqueta

Lá vem Jorge, e meu pae; não sei que me adivinha
o coração de bom. Com elles vem Martinha,
e alegres todos tres.

Gonçalo

Vamos a isto, filha!
não te quero ver triste, á hora em que te brilha
a emergir do horisonte o astro d'amor, a lua
que intitulam de mel. A fronte d'elle e a tua
podem-se illuminar; já vejo prasenteira
dar-te as flores de prata a santa larangeira;
que eu tambem sou poeta; o meu inspirador
trago-o dentro de mim: é o paternal amor.
Dizem: as mães! as mães! só ellas são amantes!
E os paes então? os paes! deviam dizer antes
que ellas e elles no amar as suas creaturas

tem mutua competencia: ellas, com mais branduras;
nós, com razão mais clara. É d'um e d'outro affecto
que Deus extrae na somma o puro amor completo.
Tua mãe quer-te muito; e eu muito; ella a seu modo;
eu, ao meu; já vês, pois, que se eu não me accommodo
sobre isto ao seu querer, não é porque não veja
que assim como o eu desejo, ella o teu bem deseja;
é porque a vejo errar em teu prejuizo, e devo
acudir e salvar-te. Ahi tens porque me atrevo
eu, que em tudo e por tudo evito sempre a guerra,
a contrarial-a agora; em damno teu não se erra;
não se ha de errar; não quero; e para lhe mostrar
que o rei aqui sou eu, e escusa de teimar,
cá lhe trago outra vez a serva que pôz fóra.
O banquete da boda havia ser agora
arranjado (pois não!) por essas macambuzias!
Cozinheira, a Martinha! esta não é das duzias.
Quem faz ovos reaes (é preciso ser franco)
e toicinho do ceo, e creme, e manjar branco
com tanta perfeição? Em Roma vi doceiras
di cartello; mas isto é *il baccio* das copeiras.

Martinha (com grande mesura)

Guardecida por tudo a sua senhoria.

D. Henriqueta

Meu adorado pae! Conserve essa energia,
e dou-me por feliz. Se a mãe tentar mudal-o,
ha-de-lhe resistir; pois não?

Gonçalo

Verás. Gonçalo
não seja eu... Pois quê! julgas-me algum banana?

D. Henriqueta

Deus me livre!

Gonçalo

Algum tolo! algum casaca-abana!

D. Henriqueta

Quem? eu? de nenhum modo.

Gonçalo

Um alamo? um caniço
que vira a qualquer sopro? um vime dobradiço?

D. Henriqueta

Quem pensa em tal, meu pae?

Gonçalo

Com estes pêlos brancos,
inda não saberei ter-me nos meus tamancos?

D. Henriqueta

Sabe por certo.

Gonçalo

E sei. Não é minha mulher
que me ha de a mim levar onde mui bem quizer,
pelo beiço; essa é boa!

D. Henriqueta

Ai! não!

Gonçalo

Porque imagina
então isso que diz? tem graça esta menina!

D. Henriqueta

Se o offendi, perdão; foi sem querer...

Gonçalo

Ninguem,
ou seja serva ou ama, ou seja filha ou mãe,
ha de infringir-me as leis.
(batendo rijo no chão com a bengala)
Eu tenho o sceptro. Impero
absoluto, e por mim.

D. Henriqueta

Sem duvida.

Gonçalo

Não quero,
não quero; quero, quero. E não ha cá mais nada.
Não soffro opposições.

D. Henriqueta

Nem deve.

Gonçalo

E desgraçada
d'aquella que as fizesse. A mim é que pertence
o dispor de você, e a ninguem mais; não pense.

D. Henriqueta

Não penso, não senhor.

Gonçalo

Sou pae.

D. Henriqueta

Assim o entendo.

Gonçalo

E ha de me obedecer.

D. Henriqueta

É só o que eu pretendo.

Gonçalo

E lá pelo que toca a receber marido,
não é a mãe, sou eu, sou eu, eu que decido.

D. Henriqueta

Inda bem! Que a meu pae obedeçamos todas
é o que eu só desejo.

Gonçalo

Hão de fazer-se as bodas
como eu quizer, e já. 'Stou para ver agora
se é ella que é Gonçalo, e eu Dona Theodora.

Jorge

Lá vem ella! e já traz o tabellião comsigo!!

Gonçalo

Não me deixem sósinho; está chegado o p'rigo.

Martinha

Quita de se assustar; se for mister, eu sei
como se dá pancada, ou grito aqui d'el-rei!

SCENA III

OS MESMOS e D. THEODORA, o TABELLIÃO, D. ANDREZA, D. LAURA, e PANCRACIO (entrando da esquerda)

D. Theodora (para o tabellião)

O senhor não podia usar n'este contrato
outro estylo melhor? sequer menos ingrato?
São de um tal barbarismo as phrases, os chavões
que se empregam no fôro!...

D. Andreza

E nos taballiões!...

Tabellião

O nosso estylo é bom; se eu fosse hoje invertel-o,
os mais tabelliães chamavam-me camello.

D. Theodora

Custa a crer que em nação como já hoje somos...

D. Andreza

N'um seculo de luz, como este em que hoje estomos.....

D. Laura

Se permitta escrever com esse ranço!

Tabellião

É uso,
não me toca emendal-o.

D. Theodora

Eu tambem não n'o accuso;
digo só que é vergonha o termos de assignar
papeis de redacção e estylo tão alvar!

Tabellião

Que remedio?

D. Theodora

Ó senhor! sequer não poderia,
por obsequio á sciencia e á gente que a aprecia,
computar a moeda em minas e talentos?
os cruzados e os réis são já tão bolorentos!

Tabellião (á parte)

Mesmo assim, quem os dera!

D. Theodora

E os tempos? pôr em vez
d'isto de anno de tal, e tantos de tal mez,

olympiada tal, tal lustro, repartidos
os mezes nas rituaes calendas, nonas, e idos.

Tabellião

Se eu quizesse perder o officio de notario
não precisava mais.

D. Theodora

Portanto o calendario
de que usou todo o orbe em quanto foi romano...

D. Laura

E o nosso mesmo povo, o povo lusitano...

D. Theodora

Reputa-se hoje um crime!

D. Andreza

Oh! tempos das amoras!

D. Theodora

Emfim, vá como fôr; para evitar demoras
sente-se e empunhe a penna.

(Senta-se o tabellião á meza, e prepara-se para escrever. D. Theodora repara em Martinha)

É crivel o que vejo!
pois inda esta mulher... Eu gabo-lhe o despejo,

senhor Gonçalo André, de permittir-lhe entrada!
Que pretende ella aqui?

Martinha

Ser outra vez creada.

Gonçalo

Logo se falla d'isso; agora é da escriptura
que devemos tratar.

Tabellião

Mui bem; que é da futura?
(correndo com os olhos as senhoras)

D. Andreza

Não sou eu.

Tabellião

Creio bem.

Martinha (á parte)

Tens graça, ratazana!

D. Theodora

Aqui faça favor de estar calada, mana.
(Para o tabellião)
Caso a minha mais nova.

Gonçalo

É esta aqui presente:
Henriqueta da Graça; o pae sou eu.

Tabellião (depois de escrever)

Corrente;
e o noivo?

D. Theodora (indicando Pancracio)

Este senhor.

Gonçalo (indicando Jorge)

Este senhor.

D. Theodora

Repito:
este aqui.

Gonçalo

Este aqui; já disse, e tenho dito.

Tabellião (com ar de riso)

Holá! para uma só é muito dois maridos;
não n'o permitte a lei; é como as nonas e idos.

D. Theodora (para o tabellião)

Que lhe espera? ande, ponha; o homem que lhe eu destino
é o senhor Pancracio Augusto Baldevino.

Gonçalo

Deixe fallar. Meu genro (escreva) é Jorge Ignacio
da Silveira.

D. Theodora

Não quero. O meu genro é Pancracio.

Gonçalo

É Jorge.

D. Theodora

Não é tal.

Gonçalo

É isto, é isto.

Tabellião

Bello!
concluam entre si primeiro esse duello,
e depois quem vencer dirá o que hei de pôr.

D. Theodora

Vencedora sou eu.

Gonçalo

Sou eu o vencedor.

D. Theodora (para o tabellião)

Faça, faça o que eu digo.
(para Gonçalo)
E o senhor não se atreva...

Gonçalo (para o tabellião)

Faça, faça o que eu mando; escreva Jorge; escreva!
(para D.Theodora)
E a senhora, caluda!

Tabellião

Em se achando concordes...
por mim não tenho pressa.

D. Theodora

É crivel que discordes
do meu querer? tu! tu!

Gonçalo

Eu, eu; e não tolero
ser eu sogro de quem... Não quero; emfim, não quero.
Ter uma casa grossa, uma excellente filha,
para as dar...

D. Theodora

Vá, a quem?

Gonçalo

A quem? a um farroupilha,
já que é força dizel-o, e mais dizer podia;
mas não quero.

D. Theodora

Então crê que um homem de poesia,
um philosopho, um genio, ao cheiro da fortuna
é que nos pede a filha?

Gonçalo

A fome que anda á tuna
disfarça-se em amor no mundo a cada passo.
Emfim, o genro é Jorge, e é que d'aqui não passo.

D. Theodora

Nem eu d'aqui. Pancracio é que é o genro. E disse.

Gonçalo

Bravo!

Martinha

Olha que mulher! Eu cá tal rabulice
nunca a vi... Padre! Filho! inté me ferve o sangue!
Ora vejam vòcês se ha coisa que mais zangue
que ouvir uma mulher, que diz que tem mimoria,
galrar assim ao home! abr'nuncio!

Gonçalo

Qual historia!

ha de ceder.

Martinha

Se fosse isto lá co'um saloio,
já ella tinha (olé) sopapo a mais de moio;
um marido é marido; e prantem-me na rua
se quijerem; mais digo: a casa e a filha é sua.
Acabou-se.

Gonçalo

Diz bem.

Martinha

Quem tem a falla grossa,
barbas na cara, e força, inté le fazem troça
e se deixa metter debaixo da chinella.

Gonçalo

Isso é que é ter juizo.

Martinha

Eu morrerei donzella;
mais se um dia casar, com home prove ou rico,
contra o que elle disser nunca hê de abrir o bico;
mais se le refilar, não hê de estranhar nada
que me desanque a pau muito bem desancada.

Gonçalo

Fallaste muito bem.

D. Andreza

Com vinte solecismos!

D. Theodora

E em pontos de moral quarenta barbarismos.

Martinha

Faz muito bem, senhor; não queira a sua filha
casada co'um ratão que vem jogar o pilha;
dê-le um home capaz, e deixe lá fallar.

Gonçalo

Justo.

Martinha

Co'o senhor Jorge, isso é que é par com par;
nanja lá co'o sabença!

Gonçalo

Exacto.

Martinha

A gente casa
para andar n'uma escola? ou para reger casa,

folgar com quem se estima, e servir ao Senhor,
creando filhos bons, sem pae muito doutor?

D. Theodora

E eu a aturar tudo isto!

Martinha

Um home de talento,
lá n'um pulpedo é bom; mas cá no casamento
nã serve; eu dispensava; antes ficar soltêra,
por casa de patrões, ao lume, a vida intêra!
Um home a scismar sempre! olha que bom marido!
o meu, se Deus m'o der, não o quero tão sabido;
dispenso-lhe o A B C; bastará-lhe juizo;
estude em mim, que o mais não se le faz preciso.

D. Theodora (para Gonçalo)

Inda não bastará, senhor Gonçalo André?
Não tenho ouvido assás aquella lagalhé,
digna interprete sua?

Gonçalo

E que em tudo que disse
redigiria mal, mas não mostrou doidice.

D. Theodora

Ponto já na questão. Silencio! é decidido:
Henriqueta vae ter Pancracio por marido,

já, já, sem mais tardar; se a Jorge a prometteu,
a nada se obrigou, pois não prometti eu;
ou se o quer contentar, a nossa Laura ahi está;
dê-lh'a, que eu não me opponho, e tudo acabará.

Gonçalo

Ora até que a final chegámos a um accordo!
julgavam-me talvez algum *dottor Balordo!*
(para D. Henriqueta e Jorge)
Apraz-lhes? vejam lá.

D. Henriqueta (em tom de assombrada e sentida)

Meu pae!!!

Jorge (a Gonçalo, assombrado e em tom de reprehensão)

Senhor Gonçalo!!!

D. Andreza

Podiam-lhe propor coisa de mais regalo;
porém mais pura e etherea isso é que não por certo.
Ai! um consorcio assim é mesmo um ceo aberto!

SCENA IV

Os ditos e LEONARDO (entrando da direita com ar triste e solemne)

Leonardo

Pesa-me interromper prazeres e fortunas.
Sou correio infeliz de novas importunas.
Duas cartas... não posso... em fim... no conteudo...
lá verão porque a dor me obriga a ficar mudo.
(a D. Theodora)
Manda-me esta do Porto o meu procurador;
(a Gonçalo)
esta vem tambem d'elle, aqui para o senhor.

D. Theodora

Que infortunio será o que n'este momento
nos possa perturbar?

Leonardo (mostrando outra carta aberta)

O proprio Ignacio Bento
tambem sobre isso mesmo aqui me falla. Deve
inteirar-se por si de tudo que elle escreve.

D. Theodora (lendo a sua carta)

«Senhora, o seu nobre irmão
o senhor Leonardo Abrantes

lhe dará por sua mão
esta carta, havendo-a antes
disposto a resignação.

Saberá Vossa Excellencia
que a demanda se perdeu,
pela sua negligencia
em responder ao sandeu
de quem fiára esta agencia.

Faz pena perder-se um pleito
de tão notoria justiça;
sem recurso nem direito
de se imputar a injustiça
o que foi da incuria effeito.

Gonçalo (aterrado)

Pois perdeu-se a demanda?

D. Theodora

Emprega bem o espanto!
é coisa do outro mundo, e para affligir tanto?
não me seja vulgar; opponha um peito forte
por diamantino escudo aos virotões da sorte.

(Continua a leitura da carta)

Perdeu pois, por descuidada,
os dez contos da questão;
sendo de mais condemnada,

no accordão da Relação,
ás custas; somma avultada!

(Fallando)

Condemnada! que termo! os senhores juizes
sempre usam de um fallar!... tal como os seus narizes.
Para um reo de alto crime a phrase era adequada;
mas dizer-se a uma dama (alarves!) *condemnada!*

Leonardo

Tem a mana razão.

D. Laura

Toda a razão.

D. Andreza

Carradas
de razão. Faz horror!! senhoras *condemnadas!*

D. Theodora

Condemnada! eu! Theodora!

D. Andreza

Os beccas da Moirama
não punham *condemnada* em autos de uma dama.

Leonardo

Certo é. Que lhes custava áquelles meus senhores...

D. Laura

Enfeitarem sequer a victima com flores!

D. Theodora

A pilula doirar!

D. Andreza

Mellifluental-a!

Leonardo

Pôr
verbi gratia: a Justiça implora por favor
que a senhora se digne entregar quanto antes
a João Barnabé contos de réis sonantes,
dez; e leve a bondade ao generoso excesso
de pagar sem demora as custas do processo.

D. Theodora (para Gonçalo)

Leia a sua.

Gonçalo

É tambem do mesmo Ignacio Bento!
algum novo revéz! tenho um pressentimento...
(Lendo) «Illustrissimo senhor,
queira vossa senhoria
perdoar-me a barbaria
de ir causar-lhe tanta dor.

A amizade, que me liga
ao Leonardo seu cunhado,

a contar-lhe aqui me obriga
sem rodeio o que é passado.

Saiba pois que o tal banqueiro
Oliveira e companhia,
onde vossa senhoria
tinha todo o seu dinheiro,

fugiu hoje mesmo; e em casa
não deixou senão papeis,
avaliando-se esta raza
em seus mil contos de reis.

(fallando, na maior afflicção, e amarrotando a carta entre as mãos)

Ceos! todo o nosso haver perdido de repente!

D. Theodora

Seja-me homem, como eu; quem perde os bens sómente
nada perde, se em si leva a philosophia.
A Alexandre o Universo estreito parecia;
e a Diogenes mundo a pipa e umas cebolas.

Gonçalo

Bom; façam-me um tonel para eu morar co'as tolas.

D. Theodora

Basta. Vamos a isto. O haver d'este senhor
(indicando Pancracio)
(que uma aurea penna em mão de tão fecundo auctor
vale um morgado) basta a alimentar-nos todos.

Pancracio

O seculo actual é um seculo de godos.
Não repute o saber tão pingue beneficio;
nem sei porque se escreve! escreve-se por vicio;
quasi nada se vende; e depois os calotes!
livreiros tubarões, imprensas baleotes...
que sei eu? sae um livro, a bicharia come
dos miolos do auctor, e elle perece á fome.
Não se illudam com isto; Homero em Ulisseia
vendia por dois pães Iliada e Odysseia.

D. Theodora

Não exagere tanto. As obras do consocio
(que vezes não lh'o ouvi!) dão gloria, e são negocio.
Por tanto...

Pancracio

Nada, nada! escusa, presidenta,
de insistir mais. Conheço o quanto descontenta
a todos esse enlace. Eu desposar-lhe a filha
contra a geral vontade! é coisa até que humilha!
e tem seus riscos, tem; por conseguinte cedo,
e retiro-me.

D. Theodora

Sim? podia ser mais cedo.
Se a demanda perdida, e o caso da fallencia
não fossem tão de fresco, achava mais decencia...

Pancracio

Não é isso; é que até podia ser desgraça
uma união que...

D. Theodora

Basta. A mascara é caraça;
não valê trinta réis; conhece-se de sobra.

Pancracio

Crê pois?...

D. Theodora

Que andava cega; entendo-lhe a manobra.

Pancracio

Entenda o que quizer, talento archidivino!
Não ha de ser Pancracio Augusto Baldevino
quem chore por tal sogra ou carpa em elegias
por mulher em que achou sómente perrarias.
Nunc in æternum vale, ac vos valete.

D. Andreza

Gloria
a Jove salvador!

Gonçalo (á parte)

Bom! ganha-se a victoria.

(No momento em que Pancracio vae para sair, apparece á porta Isidro)

SCENA V

Os mesmos e ISIDRO (á porta)

Isidro

Aquelle outro senhor que esteve cá aos ralhos
com este (muito ri! pareciam dois gralhos!)
está outra vez ahi á porta; vem co'o moço
que tambem já cá veio, e traz um bordão grosso
que parece uma tranca.

D. Theodora

E que quer?

Pancracio

Um bordão!!

Isidro

É verdade; e não tem já ar de mansarrão.

D. Theodora (entre si)

Offendeu-se talvez de lhe eu rasgar a carta.

Pancracio (entre si)

E eu sem refugio, e só! Vou ter bordoada á farta.
(alto para Isidro)
Por quem perguntou elle?

Isidro

Elle só perguntou
se o Pascasio cá estava. O tal Pascasio, estou
que ha de ser o senhor.

Pancracio

Não 'stou cá.

Isidro

Mas se eu já
lhe disse que o senhor estava ainda cá!

D. Theodora

Bem. Saia! em minha casa é que eu não soffro d'isto;
falle-lhe lá na rua.

Pancracio (á parte)

Alanha-me, está visto.

Jorge

Tem medo?!

Pancracio

Sou prudente. Um homem contra dois!...

D. Henriqueta

Não se recorda já do que lhe ouvi depois?

desabe todo o ceo, allua-se o universo,
o sabio fica a rir, em tanto horror submerso!

D. Theodora

Saia, saia, senhor!

D. Andreza

Olha o desassocego
em que nos veiu pôr o amaldiçoado grego!

Gonçalo

Saia! Quem as armou é justo que as desarme.

Isidro (agarrando pelo braço a Pancracio)

Vá. Se tarda é peor.

Pancracio (a si mesmo)

Valor! vae desazar-me.
(Sae)

SCENA VI

Os mesmos, menos Pancracio e Isidro

D. Theodora (depois de ter fechado por sua mão á chave a porta da saida)

E eu a suppôr aquillo um philosopho! Oh! pejo!

Jorge

Senhora, eu não n'o sou; mas rogo-lhe e desejo
de todo o coração, me aceite em sociedade
como filho da casa em sua adversidade.
Se não sou millionario, ao menos o bastante,
temol-o.

D. Theodora

Honrado amigo, e verdadeiro amante!
concedo-lhe Henriqueta, e dar-lh'a até quizera
bem rica de sciencia.

Jorge

Era inutil.

D. Theodora

Não era.

Jorge

A quem sabe encantar, que mais se exigiria?

D. Theodora

Mais, muito mais.

D. Andreza

Pois sim, mas não se fez n'um dia
Roma, diz o rifão. Co'a nossa convivencia
póde ainda co'o tempo haurir muita sciencia.

D. Theodora

Casem.

D. Henriqueta

Não, minha mãe! foi esse o empenho nosso;
mas agora mudei.

Jorge

Mudou!

D. Theodora

Não quer?

D. Henriqueta

Não posso.

Jorge

Vélo, ou sonho? Henriqueta, agora que se abria
um ceo ao nosso amor, é quem me repudia?!

D. Theodora

Não entendo...

Gonçalo (á parte)

Nem eu...

D. Laura (á parte)

Será possivel!?

D. Andreza

Brava!
brava! digna sobrinha, és mais do que eu pensava.

Jorge

Mudar tão de repente! eu que lhe fiz? ingrata!
quando a justiça mata, explica o porque mata.
Qual meu crime? declare-o. Eu endoideço! é crivel
que ella...

D. Henriqueta

Hoje esta união tornou-se-me impossivel.
O haver de Jorge é pouco. Eu tinha ambicionado
co'a minha mão fazel-o em tudo afortunado;
mas hoje, persistir, querel-o por consorte,
seria condemnal-o á nossa infausta sorte.
Decidi; não consinto.

Jorge

O eu dar-lhe a mão de esposo
entende que não basta a me tornar ditoso?
ou crê (certo o não crê) que se me repudia,
não seja para os dois este o supremo dia?
Henriqueta, Henriqueta! oh! que se illude! eu, eu
muito melhor conheço o meu amor e o seu.

D. Henriqueta

Não quero semear-lhe angustias no futuro.

Jorge

E quer matar-me? quer? teime, e consegue-o; juro.

Leonardo (para D. Henriqueta)

Não tem outra razão de oppôr-se ao casamento?

D. Henriqueta

Nenhuma; Deus o sabe! e sabe a que tormento
me condemno a mim propria; é só porque aprecio
Jorge quanto elle val, que a mão lhe renuncio.

Leonardo

Então, podem casar-se; e é tratar já das bodas.
Essas cartas que eu trouxe eram fingidas todas.

Fui eu quem as armou, co'o fim de desfazel-os
do tal camello vate, ou vate dos camellos,
abrir a minha irmã os olhos obcecados,
e alçar do abysmo á gloria os dois atribulados.

Gonçalo

Graças a Deus!

D. Theodora

Fazia agora uma hecatomba
só por ver estoirar esta estrondosa bomba
sobre o vil desertor da sã philosophia.
Quem leu no Horacio a ode á aurea mediania,
fazer o que elle fez!!! Nunca esperei! Pois ha de,
mesmo para o ralar, esta solemnidade
ser co'a maxima pompa. Eu é que sou madrinha,
e hei de ir trajada á Juno.

D. Andreza

E eu á Venus.

Gonçalo

Martinha,
vês o que eu te dizia? eu nunca duvidei
de que havia de ser como eu determinei.
(para Jorge)
Sim senhor; parabens! está meu genro; vê?

D. Laura

Ah! visto isso a mamã sacrificou-me.

D. Andreza

Em quê?

Imite o meu exemplo.

D. Theodora

Em quê? tambem pergunto.

Se é Democrita, ria.

D. Andreza

E não lhe falta assumpto.

Gonçalo (para o tabellião)

Vá lá, senhor notario; exare essa escriptura
como eu disse: o futuro é este, e esta a futura.

FIM